



**UNILAB**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA**

**AFRO-BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**AÇÕES SIGNIFICATIVAS PARA COMBATER O PRECONCEITO RACIAL NA  
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA**

**LUÍSA PINTO SEMEDO**

REDENÇÃO – Ce

2016



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA**

**AFRO-BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**AÇÕES SIGNIFICATIVAS PARA COMBATER O PRECONCEITO RACIAL  
NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA**

**LUÍSA PINTO SEMEDO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado ao Bacharelado em  
Humanidades da Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira como parte dos requisitos  
necessários para a obtenção do título de  
Bacharel.

Orientadora: Professora Vera Regina  
Rodrigues da Silva

REDENÇÃO-Ce

2016



# UNILAB

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Bacharelado em  
Humanidades da Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em [ ] de [ ] de  
2016

**Banca examinadora:**

Orientadora: *Profa. Dra. Vera Regina  
Rodrigues da Silva.*

Examinador: Prof. Dr. Carlos Subuhana.

Examinadora: Profa. Dra. Marina Pereira  
Mello.

REDENÇÃO

2016

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu tio Armindo Francisco Alves e a minha tia Mónica Gomes Mendes, por terem acreditado em mim e me ajudaram a ser o que sou hoje.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus todo-poderoso pelo dom da vida e força de vontade que me deu condicionando-me ao meu objetivo e foco. Agradeço Armindo por ter me apoiado, proporcionando tudo o que eu necessitava para a aprendizagem. E, minha tia Mónica que sempre acreditou em mim de que um dia vou conseguir que nunca eu iria desistir e alguns parentes que me ajudaram lhes agradeço do fundo do coração.

Agradeço a universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, a Unilab, pela oportunidade que me proporcionou e o conhecimento, para que, eu possa materializar os meus sonhos e desejos, podendo competir como jovem inserida num contexto de luta pela busca de um futuro melhor.

Agradeço, em especial, à minha orientadora professora doutora, Vera Regina Rodrigues da Silva pelo apoio incondicional e incansável eu tem me dado ao longo deste o meu percurso. Pois, está sempre a minha disposição sem poupar o esforço de me ensinar e mostrar o caminho da conquista e da autoconfiança, apostando sempre em mim de que eu chegarei ao topo.

Agradeço uma pessoa em especial Bacar Mané, amigo, companheiro, parceiro, namorado que sempre esteve disposto a me escutar, soube falar as palavras certas nos momentos que precisava.

Agradeço Maira Badinca, por ser a primeira pessoa a estender-me a mão da minha chegada ao estrangeiro, Ricardo e Faustino por me terem dado o aconchego e não me deixaram ficar na rua. Por terem me dado um lar. E tudo que eu precisava na condição de uma estudante e estrangeira. Ao Gilmar Canos Frosé, e Dote Biague, por serem as primeiras pessoas que aceitaram dividir apartamento comigo.

Agradeço a minha madrinha Dayse Maria Viera e meu padrinho Fará Vaz por terem me apoiado em tudo, Petimama Gomes, Fernando Sigá, João Gomes, Delce Costa Barros, Vanuza Oliveira Mendes, Arete Mendes, Félix M'bali Sá, Eusébio Djú. Em geral, agradeço a todas as pessoas, em particular, os professores amigos e colegas de luta pela longa caminhada que trilhamos até aqui. E, a comunidade dos estudantes Guineenses pela troca de experiências que tem me proporcionado.

## **Resumo**

Este trabalho foi o resultado da pesquisa feita para obter o título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, (UNILAB), em Redenção, Ceará, Brasil. Essa pesquisa tem como objetivo analisar ações que possibilitem o combate ao preconceito racial na UNILAB, e investigar dentro da UNILAB como o preconceito racial se manifesta no modo de conveniência estudantil. Isto porque dentro da universidade existem nacionalidades e culturas diferentes: Brasil, Timor-Leste e os países da PALOP. (países africanos da língua oficial portuguesa) Angola, Cabo-verde, Guiné-bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Metodologicamente realizamos e analisamos livros, artigos, e entrevistas com estudantes das nacionalidades existentes dentro da universidade. Durante a pesquisa foram ouvidos estudantes sobre os atos de preconceitos e racismo sofridos dentro e fora da universidade. Este trabalho apresenta como resultado a existência de preconceito racial e racismo na convivência diária e de ações de combate sendo realizadas.

**PALAVRAS-CHAVES:** preconceito racial. Culturas diferentes. Existências do racismo dentro e fora da universidade.

**ABSTRACT** This work was the result of the research done to obtain the title of Bachelor of Humanities at UNILAB's University in Redenção-Ceara, Brazil. The aims of this research is to analyze actions that make it possible to fight against racial prejudice at UNILAB, and to investigate within UNILAB how the racial prejudice manifests itself in the way of student convenience. As university has students with different nationalities and cultures like Brazil, Timor-Leste and the PALOP (African countries of the Portuguese official language) Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique and Sao Tome and Principe. The methodology used is through the analysis of books, articles and interviews with students of the different nationalities that make up UNILAB University. During the survey, students were heard about the acts of prejudice and racism who they suffered inside and outside of the university. This work presents the result of the existence of the racial prejudice and racism in the daily coexistence and of combat actions to be carried out.

**KEYWORDS:** Racial prejudice. Different cultures. Existence of racism inside and outside the university.

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
<b>1.A África no Ceará. ....</b>	<b>11</b>
1.1 Imigração africana.....	14
1.2 Africanos em Redenção.....	19
1.2.1. Descobrindo a Universidade e a cidade.....	22
1.2.2 Descobrindo o Racismo.....	26
<b>2 Brasil e África na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira.....</b>	<b>33</b>
2.1 Estranhamentos sobre África e os Africanos.....	34
2.2 Estranhamentos sobre o Brasil .....	38
<b>3. Caminhos da Integração?! .....</b>	<b>42</b>
3.1 Cultura e Atividades de Extensão .....	45
3.2 Ensino e a Pesquisa .....	49
Considerações Finais.....	52
Referências.....	58

## INTRODUÇÃO

Um trabalho acadêmico é feito sempre em função do tema escolhido para ser investigado. Esse tema foi escolhido com interesse do que podemos investigar e descobrir em relação aos comportamentos entre os estudantes das diversas nacionalidades. Optamos por esse tema não só pelo fato de nos termos deparado com preconceito na nossa vida, ou, por causa da influência que tem dentro das nossas casas, no entanto, esse tema será útil, para que, as outras sociedades possam ter o conhecimento de que podemos fazer algo valioso para ajudar, em geral, na progressão da sociedade.

Temos como o objetivo principal analisar ações que possibilitem o combate ao preconceito racial na Unilab, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, fazer debates, intercâmbios e uma roda de conversa, onde todas as nacionalidades poderão participar contando histórias das suas origens e terem conhecimentos dos outros.

Buscando compreender o preconceito racial dentro da universidade, investigando e tentando descobrir dentro dos espaços comuns que os estudantes frequentam, tais como, os espaços de esporte e lazer, porque, encontram-se, frequentemente, todos os estudantes de diversas nacionalidades da Unilab, se existe, realmente, a integração mesmo que todo mundo se fala entre os estudantes estrangeiros (africanos e timorenses) e Brasileiros, porque, sabe-se que cada um vem de um lugar precioso onde esconde o seu preconceito que, às vezes é motivo da defesa do oprimido para se libertar da sua dor, acaba descontando no outro.

Além do que foi destacado, anteriormente, ressaltamos que este trabalho de conclusão do curso (TCC) tem como objetivo investigar dentro da Unilab o modo da conveniência e da existência do preconceito racial, analisando a existência ou não de preconceito racial entre ambos, porque, dentro da própria universidade existem nacionalidades e culturas diferentes, Brasil, Timor-Leste e os países do PALOP (países africanos da língua oficial portuguesa) Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Dentro da universidade se encontram os estudantes com faixa etária entre 18 aos 30 anos de idade e se encontram em diversos cursos existentes dentro da Unilab, nomeadamente, os cursos de bacharelado em humanidades, de engenharia de energias,

de agronomia, de enfermagem, de administração pública e de ciências da natureza e matemática que emigram para estudar com o objetivo de voltar para os seus oriundos países.

Baseando na melhor forma da organização do trabalho, estruturaremos este trabalho em três capítulos: onde no primeiro capítulo, no primeiro momento, descreveremos o preconceito racial, a chegada dos estudantes africanos no ceará, a imigração africana até como os estudantes africanos vieram parar em redenção, concretamente, na Unilab.

No momento a seguir, destacaremos a imigração africana, a distinção entre imigração da escravidão, as suas razões, as suas ligações com o aparecimento da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab, e a chegada dos estrangeiros em redenção e suas utopias (vice-versa) em relação a tudo (cidade, universidade, pessoas, ambiente habitação).

No segundo capítulo, buscaremos compreender o desconhecimento dos estudantes estrangeiros e estudantes Brasileiros sobre a cidade, a cultura do outro e suas relações de convivências individuais.

No terceiro e último capítulo, procuraremos fazer o esboço do caminho da ligação dentro da própria universidade, o método que pode ligar-los a eles serem uma única família. Sem esquecer também de que é umas das importantes caminhos da universidade fazer à integração.

## CAPITULO. 1

### AFRICANOS NO CEARÁ

No capítulo africanos no Ceará, começamos relatando a chegada dos africanos no estado do Ceará, o motivo de suas vindas ao Brasil. O conhecimento que eles têm antes de vir para o Brasil, os seus pareceres depois de suas chegadas e as suas convivências, já que, têm muitos africanosm no Brasil.

A Principal questão utilizada para redigir esse trabalho de conclusão de curso basear-se na questão do preconceito racial entre os estudantes estrangeiros e brasileiros “os europeus chegaram ao continente africano nos meados do século XV, o continente africano já tinha a sua organização político estável, e os estados africanos já se encontravam num nível de aperfeiçoamento muito alto.” Munanga (2012 p.23).

Segundo Kabengele (2012), chegaram e começaram a formar as monarquias que eram constituídas pelos conselhos populares entre as deferentes camadas que representavam a ordem social quanto moral e equivalia também para a ordem política. Sem esquecer que na mesma época foi descoberta a América. Mas, os americanos valorizavam as suas terras e mãos de obras, mesmo sendo baratas, mas os africanos não tinham materiais tecnológicos para se defenderem dos tráficos dos escravos, tornando-se um elevado rendimento económico antes de aparecimento das máquinas na revolução industrial.

Quando os europeus invadiram o continente africano, quando, o continente já se encontrava organizado não da forma europeia, mas sim, das formas como os africanos estruturavam suas sociedades, que os permitiam ter suas coisas do seu jeito, vivendo dos seus modos e nos seus territórios, porque, agora, só que os africanos estão utilizando as formas da organização de maneiras ocidentais, visto que, chegaram e começaram a mobilização.

E a invasão europeia foi possível, no primeiro momento, porque os africanos não tinham materiais sofisticados e qualificados para combatê-la, pois os seus materiais eram apenas para a defesa, por causa disso, acabaram sendo dominados por europeus e dali que começaram a famosa dominação e exploração de formas mais avançadas, de modo que, os europeus se permaneceram em África. Dominando, por completo, a

personalidade moral do negro. Negro tornou-se, dali, o símbolo de ser primitivo e inferior dotado de uma mentalidade primitiva.

A opinião ocidental cristalizou-se, admitindo e revelando à humanidade de que o negro é inferior. A colonização competia à responsabilidade de levar o africano ao nível dos outros homens. O que os europeus disseram que reconheciam nos africanos eram dotados de sensibilidades dum animal superior.

Os africanos eram considerados inferiores perante os europeus a única coisa que os europeus diziam que os africanos tinham, era a sensibilidade dos animais, porque, lhes eram considerados iguais aos animais. Só lhes cabiam os trabalhos que serviam para os animais, dado que, eram vistos pelos europeus como pessoas sem mínima inteligência, eram, na perspectiva europeia, os mais inferiores da face da terra e mereciam ser explorados por causa das suas inferioridades e características.

“Os africanos, transportados como escravos para América viram a sua vida e o seu destino associar-se a um terrível sistema de exploração do homem pelo homem, em que não contavam senão como é enquanto instrumento de trabalho e capital”. Fernandes. (2008.p.27).

Na realidade a imigração africana não é bem assim como primeiramente imaginamos. Os africanos foram arrancados dos seus familiares, e suas terras e trazidos para outro espaço desconhecido, foram desvinculados de suas formas. Mas, a estranheza que podia existir, eles foram obrigados a trabalhar igual a um animal. Transportados da forma mais cruel com as correntes de cabeças aos pés. Percorrendo descalços e sem roupas durante muito tempo, deixando tudo que tinha para trás. Mas, isso não foi para procurar a melhor condição de vida, mas sim para se inserirem numa sociedade muito cruel com pior qualidade de vida em busca de suas alternativas, aturando açoitadas e algumas vezes, foram castigados até a morte, dormiam no chão e comiam os restos dos outros.

E, as mulheres eram estupradas sem escolhas, porque as suas vidas dependiam dos seus comportamentos perante os seus senhores, dado que, as consideravam de animais que serviam apenas para trabalhar dias e noites. Eram seus distintos papéis de trabalhar e sujeitos à exploração. Elas eram oprimidas e dominadas pelos homens. Porque, os seus senhores eram considerados superiores e elas inferiores, por isso mereciam de serem tratadas e consideradas como instrumento pelo qual se podia utilizar para ganhar o capital e muitas às vezes elas eram trocadas de senhor pelo senhor. Eram

vendidas como um objeto de trabalho, até serem transportadas pelos seus senhores, como diz Fernandes (2008).

É impossível precisar a época em que se iniciou a importação do braço negro em São Paulo presume-se que os primeiros africanos vieram para o Brasil em (1516- 1526). “No entanto, só a partir dos meados do século XVI principiou o fluxo regular e constante de africanos para a colônia.” Fernandes, (2008, p.27).

Segundo Fernandes (2008), não tem uma data concreta, quando, os africanos começaram a entrar nas Américas, concretamente, em São Paulo, realmente, ninguém se importaria com eles por acharam que eram animais de produção e não deram conta de que podiam ser úteis mais tarde e só ao longo do tempo é que se deram conta por volta dos meados dos anos 1516 a 1526. Esses foram anos que acharam que deviam colocar, porque nessa época não era só nas Américas ou em São Paulo que recebiam os negros africanos, porém, a maior parte era levada para a Europa. E, já começavam a expandir a escravidão, começando a levá-los para serem usados como motores de seus ganhos de capitais e de trabalhos pesados de exploração e de maus tratos. E ninguém se importou em registrar as datas, porque, eram só uns simples escravos e a maioria morria no caminho devido o cansaço e eles ficavam fracos e sem forças para continuar a viagem.

“Traçamos linhas sobre mapas de região onde o homem branco nunca tinha pisado distribuímos montanhas, rios e lagoas entre nós. Ficamos apenas atrapalhados por não sabermos onde ficavam esses rios e esses lagos”. (Bimwenyi\_kweshi, 1977, p.52) apud (Munanga, 2012, p. 26).

O traçado da linha fez um acontecimento divisório entre as famílias e povos e os distribuiu em colonos diferentes. Colonos nos espaços diferentes, isso aconteceu nas províncias, nos destinos e nos grupos religiosos, tais como, nas paróquias e dioceses. E, essas pessoas perderam os seus costumes e suas crenças e passaram a aderir outras crenças e costumes ocidentais. Sem descartando a possibilidade de que, isso foi um fator que contribuiu bastante no esquecimento das importâncias étnicas africanas e começaram a fazer uma nova construção das sociedades que os pertenciam no momento que não eram de suas linhagens, mas continuando a esquecer-se das diferenças existentes nos seus espaços.

No tópico seguinte, falaremos da imigração Africana, como processo de deslocamento de uma camada juvenil que optou para um constante deslocamento, procurando a melhoria de condição de vida, em vista de um porvindouro melhor. E, para que, um dia possam ajudar também na construção da Guiné-Bissau.

Africanos em Redenção, neste tópico, iremos relatar diferentes formas de como os africanos chegaram as Américas, concretamente, no Brasil. A imigração forçada através do fenómeno denominado de escravidão.

### **1.1 Imigração africana.**

Nesse tópico, falaremos sobre a imigração africana que é, em algumas palavras, o deslocamento dos africanos para procurar a melhoria de condição de vida no estrangeiro. Porque, nunca tinha a esperança de que podiam encontrar nos seus oriundos países, devido muitos problemas políticos, económicas e sociais. Por isso, em alguns casos, havia grande massa do deslocamento, principalmente, das camadas juvenis para os países das Américas.

Fundamentado em Langa (2011), a presença dos estudantes africanos no Brasil, concretamente, no estado do Ceará, foi constatada a partir dos anos 1990 com a presença dos primeiros estudantes vindos da angola e só com decorrer dos tempos que os estudantes da Guiné-Bissau e os estudantes de cabo-verdianos chegaram através da bolsa do PEC-G (programa de estudantes do convênio de graduação). Primeiramente, vieram apenas os estudantes do PALOP (Países Africanos da língua oficial português), para se graduarem nas universidades federais brasileiras como no caso no UFC (Universidade Federal de Ceará). Mas, através do convênio que lhe permitiam entrada nas universidades, mas com os termos assinados pelos encarregados de que receberiam em todos os meses o dinheiro em suas respectivas contas.

A presença de estudantes africanos no estado do Ceará teve início na segunda metade da década de 1990, com o primeiro grupo oriundo de Angola. Nesse período, vinham somente estudantes de países africanos que falam a língua portuguesa para integrar-se na Universidade Federal do Ceará (UFC), através do Programa de Estudantes Convênio – Graduação (PEC-G).

No início dos anos 2000, há um aumento significativo do número de estudantes africanos residentes no Ceará – particularmente Bissau-Guineenses devido à instabilidade política vivida no país, cuja maioria vem estudar em faculdades particulares, com contratos firmados em seus países de origem. O aumento da imigração de estudantes africanos para o Brasil, no início do século XXI, também foi impulsionado pelo discurso governamental do presidente Luís Inácio Lula da Silva e sua política de cooperação e aproximação com a África. Ao longo dos oito anos do governo Lula, de 2003 a 2010, o intercâmbio estudantil entre o Brasil e países africanos foi intensificado. Em seus dois mandatos, o presidente Lula visitou 27 países africanos, enquanto seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, visitou apenas três países. ( LANGA, 2011, p. 103 ).

Foi citado também por ele que os estudantes de Guiné Bissau são mais numerosos no Brasil, ou melhor, no estado do Ceará, concretamente, em Fortaleza, porque, as situações do seu país se encontravam em declínio (situação de vulnerabilidade) e problema governamental já nos anos de 1998 iniciou-se uma grande fase, onde é mais notória a presença dos africanos do estado do Ceará, porque começaram chegar não só os de PALOP, mas depois de dois anos mais tarde é que vieram para o Brasil os estudantes Moçambicanos, São-tomenses e os dos países da língua francesa no caso de os de República Democrática de Congo e os da Nigéria.

No início dos séculos XIX o principal motivo de suas vindas para o Brasil estudar é por causa, também, da cooperação do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva para com os países africanos. E, pelas suas visitas e suas palavras de motivação que utilizou para fortalecer os seus laços e relações bilaterais entre o Brasil e África.

Em maioria dos casos, muitos estudantes de outros estados às vezes acabam se interessar por virem fixar-se em Fortaleza. Achando-se que seria melhor conseguir uma vida estável, trabalhando e estudando. E, deixam os seus estados para se fixarem em fortaleza. E, sem esquecer que esses estudantes imigrantes à fortaleza, a maioria parte, se matriculavam em faculdades particulares quando ainda se encontravam em seus países de origem para quando chegarem, aqui, no Brasil, começando a trabalhar para se autossustentarem e estudando, todavia, algumas vezes, tornaram para eles muito difíceis.

Porque, às vezes, os estudantes que se encontram nessa situação não têm tempos suficientes para dedicarem ao seu objetivo do estudo, já que, eles têm que permanecer todos os dias nos seus trabalhos não lhes resta nenhum tempo para pegarem os livros, porque as suas vidas é uma correria total. O estudo em fortaleza para quem trabalha o dia todo e estuda a noite é muito cansativo e sem aproveitamento.

Há pessoas que deixam de estudar para trabalhar e guardar dinheiro e, quando, acharem que o dinheiro que eles têm já é suficiente retomam as suas aulas de novo. Isso são um retrocesso e perda de práticas das coisas que eles haviam apreendidos alguns momentos atrás. E, ao mesmo tempo, muitos recebem uma quantia que nem chega para nada, nem chega para a sua sobrevivência em fortaleza, e você que é da família carente e, que não tem alguma coisa para te ajudar, provavelmente, terá que procurar outro emprego para se autossustentar.

Além disso, compreendemos que, a visita também do Lula incentivou muito a juventude africana à imigração ao Brasil. Os números de estudantes aumentaram, bruscamente, quando os estudantes começarem vir sem a bolsa do convênio. Achando que o Brasil é igual aquele Brasil da TV das novelas, porque ninguém refletiu e nem tinha noção de que podia encontrar outro lado do Brasil, com o retrato de alguns lugares que a própria mídia repassa sobre outros países.

A diáspora africana em Fortaleza é constituída por indivíduos entre os 18 e 35 anos de idade, oriundos do continente africano, maioritariamente do sexo masculino, predominantemente Bissau-Guineenses e cabo-verdianos, mas com um contingente cada vez maior de mulheres. Tal diáspora nasce do desejo imigrar voluntário por motivos estudantis, legitimada por convênios e acordos de cooperação e, ao mesmo tempo por discursos governamentais dos dois últimos governos brasileiros, de aproximação com “a África”. Dados da Polícia Federal do Ceará do ano 2011 apontam cerca de mil duzentos e sessenta estudantes africanos no estado, dos quais mil cursavam diversas faculdades particulares, cento e trinta estavam integrados na UFC e vinte na Universidade Estadual do Ceará (UECE), sendo a maioria proveniente dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) (Brás, 2011).

Falando da diáspora africana na perspectiva do autor, é dizer que ela que se encontra em fortaleza entre as faixas etárias dos 18 a 35 anos de idade vindos de continente africano, aonde, maiorias dessas pessoas vieram de Guiné-Bissau e Cabo-Verde. Muitos são do sexo masculino, mas com um número menor das mulheres, tendo em conta que, na Guiné-Bissau ser mulher na família é cuidar dos irmãos e dos pais, ainda se for a mais velha da família, isso, em maioria dos casos, obriga maior fluxo dos homens para diáspora. Os mais velhos acreditam que os homens sempre são superiores e estarem em condições de procurar a melhoria de condições de vida.

Nas sociedades africanas, anteriormente, a imigração era visto como um caso mais valorizado pelos homens. Mas, esse desejo da imigração era a vontade de estudar com acordo dos países, os seus governos e os dados levantados pelo departamento de polícia federal do estado do Ceará nos anos de 2011. Era quase a cerca de 1260 (mil duzentos e sessenta) estudantes africanos, onde entre eles mil estudam em faculdades particulares que significa estudar pela conta própria e cento e trinta estavam estudando na UFC (universidades federal de ceara) e UECE (universidade estadual do Ceará).

De fato, o número de africanos se apresenta muito maior do que o cadastrado pela Polícia Federal, pois muitos estudantes se encontram em situação irregular. Geralmente, no ano seguinte de estada em Fortaleza, um número significativo de estudantes não consegue

prorrogar o visto de estudante com o qual entrou no Brasil e outros estudantes africanos chegam a Fortaleza vindo de outros estados brasileiros. Uma parcela significativa de estudantes, a maioria, vinculada às faculdades particulares, vivencia condições precárias de vida, em meio a preconceito e discriminação raciais. LANGA, (2011.p.105)

Segundo Langa (2011), no Ceará, concretamente, em Fortaleza, números de africanos se encontravam num nível maior do que os números do cadastro da polícia federal, porque maiorias não prorrogaram o visto e estão, aí, andando ilegal, sem ter o dia para serem deportados pela polícia federal. Esses estudantes são os estudantes que vivem nas situações mais precárias, sofrendo preconceito e discriminação. Uns não continuam a estudar, porque eles é que cuida de suas estadias e faculdade particular, ninguém irá lhes perguntar o motivo, dado que, maiorias só se esforçam e fazem os cursos técnicos para segurarem as suas estadias e vivências durante esses tempos.

Às vezes uns mudam de estado, porque pela vida que levam é muito triste a imigração, maiorias deles tinham que se levantar muito cedo para trabalhar, para que, possam ganhar um pouco do dinheiro para seu sustento e pagar a faculdade uns mesmo nem se quer tem tempo de pegar no caderno para ler ao chegam do trabalho. Eles já vão direto para escola, isso não era o que todos pensavam da emigração, pelo menos outros quando trabalham e ao faltar o dinheiro pedem para os países e ganham uma ajudinha para pagar as faculdades.

Com isso, lembraríamos que, isso foi causado pela utopia de imigração de classe juvenil da diáspora africana. Mas em outros casos Fortaleza apesar de ser um capital que acolhe mais jovens de diferentes países e sendo também “trampolim” de muitos emigrantes e caminhos das passagens com as drogas.

A diáspora tem gerado grupos e movimentos, a congregar estudantes africanos em um processo de mobilização e organização em diversas agremiações estudantis, cabendo destacar: a Associação de Estudantes Africanos no Estado do Ceará (AEAC), a Associação de Estudantes da Guiné-Bissau no Estado do Ceará (AEGBECE), a Fundação de Estudantes Cabo-verdianos nas Faculdades do Nordeste (FEAF) e o Movimento Pastoral de Estudantes Africanos (MPEA). Este último movimento, hoje, revela-se com maior articulação e visibilidade, destacando-se em ações de promoção e defesa dos direitos dos estudantes africanos e denunciando as situações por que passam esses sujeitos, por meio de reuniões entre estudantes e faculdades, encaminhamento de processos na justiça e realização de manifestações públicas. Langa. (2011. p.105).

Através das dificuldades, preconceito, discriminação, e falta de motivação, como sabem que juntos sempre terão mais forças e, que sempre nos casos de estudantes jovens com problemas isso acaba gerando a criação dos movimentos e grupos de pedido de socorro e de uma forma de manifestar os seus direitos como estudantes e estrangeiros.

Eles compreenderam que, para que, possam ser mais fortes e tornarem-se cada vez mais fortes e para se ajudarem a transmitir os seus problemas as demais sociedades e para os próprios governos dos seus países terem o conhecimento dos seus problemas que costumam passar nos países que estão como imigrantes, enquanto imigrantes e estudantes que saíram para procurar a melhor de condição de vida para melhorar os seus futuros e ajudarem na construção de uma pátria melhor, assim auxiliando no desenvolvimento dos seus países de origem, precisavam criar agremiações.

Com isso conseguiram formar (MPEA) Movimento Pastoral dos Estudantes africanos, este movimento é o que mais articula sobre a questão de tornar claras as ações das defesas diretas aos estudantes africanos, onde fazem reunião com os estudantes de faculdades a fim de encaminhar os processos à justiça que possam permitir as realizações das manifestações, isso se for o caso.

Associação de Estudantes Africanos no Estado do Ceará (AEAC), a Associação de Estudantes da Guiné-Bissau no Estado do Ceará (AEGBECE), a Fundação de Estudantes Cabo-verdianos nas Faculdades do Nordeste (FEAF).

Relativamente aos relatos feitos dos estudantes africanos residentes de Fortaleza e os estudantes da Unilab em Redenção, há cerca de três mil estudantes que atravessaram o oceano, em busca de melhor condição de vida, o caso de estudantes cabo-verdianos que nunca pensaram que um dia poderiam ser chamados de negros. É verdade que os africanos nunca perceberam essas diferenças de ser negro ou africano nos seus países, porque sempre têm em mente do que são, mas nunca em nenhum momento pensaram em alguma circunstância poderiam enfrentar esse tipo de convivência.

O jovem Monroy de Cabo Verde, estudante em Fortaleza, e também da associação dos estudantes Africanos em Fortaleza. Explicou que quando chegou Fortaleza, era confundido com o Brasileiro, mas isso não lhe isentou de sofrer certos atos racistas. À noite, quando, ele estava indo para sua residência, ele encontrou com uma

senhora que assustou com a sua presença e rapidamente apressou os passos e subiu ao prédio, mas o pior é que a mulher não sabia que ia entrar no mesmo elevador com o rapaz, ela ainda ficou mais assustada.

Quando ele percebeu que as pessoas lhe olhavam com um olhar diferente, quando, atravessava as ruas. De certo modo, uns levantavam os vidros de carros, isso aumentou ainda mais a sua angústia, num estágio em uma agência de publicidade o mandaram cortar o cabelo, que é muito volumoso. E, isso o fez ter mais aparência com os negros. Para além de muito volume de cabelo, é crespo, e encaracolado. Os africanos que vivem em fortaleza os de cabelo do padrão da sociedade, cabelo raso, são vistos como pessoas socializadas. Depois de eles terem feitos sete anos no Brasil nunca pensaram que iriam enfrentar o racismo no Ceará, pior ainda, é quando ele fala que é negro sempre é interrompido, visto que, ele não é negro, mas moreno. Isso tudo é, porque, ser negro na sociedade Brasileira é ser pobre, marginalizado, bandido, etc..

Para uma aluna de Guiné-Bissau, Delce, que veio para estudar a enfermagem na Unilab, universidade da integração internacional da lusofonia Afra Brasileira, ela relatou que passou por um momento muito constrangedor na cidade de fortaleza, quando foi comprar uma blusa na feira livre e pagou. E, ela foi abordada na saída por uns policiais que acusaram-na de ter roubado algo e ela foi obrigada a abrir a sua mochila, para que, eles pudessem certificar de que ela não roubou nada. Ela ficou muito triste, falando, monologicamente, de que nunca pegou nada de alguém e se seus pais souberem, com certeza, ficariam preocupados e muito tristes com este fato.

Depois de termos relatado sobre a imigração da camada juvenil africano, o seu deslocamento para a diáspora à procura de um futuro melhor para um dia ajudar na construção de um futuro para com seu país.

No tópico seguinte, descreveremos sobre um processo de deslocamento no mesmo contexto, um lugar da cooperação, uma imigração, sobretudo, a base da cooperação que o torna em muitos casos, em algumas circunstâncias com a de fortaleza.

## **1.2 Africanos em Redenção**

Neste tópico, relativo à questão dos africanos em redenção, relataremos a assunto de abolição dos escravos com a situação dos africanos em um espaço

desconhecido, que escolheram para sua formação acadêmica, sua chegada e desenvolvimento da cidade através deles.

O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão. Acho que nós temos uma dívida enorme com o continente africano, com o povo africano. Uma dívida que a gente nunca vai poder pagar em dinheiro. A gente vai poder pagar, sabe, em solidariedade, em ajuda humanitária, em ajuda ao desenvolvimento, em ajuda no conhecimento científico e tecnológico. O Brasil tem a ajudar o povo da África, (LULA. Discurso, 27/07/2010, p. Apud MALO MALO, 2010, 2014, p.).

No discurso do ex-presidente Lula, o Brasil foi o último país do mundo a libertar os africanos escravizados e a Redenção foi à primeira cidade a libertar os escravizados, então, isso significa que entre os países do mundo, onde se encontravam os escravizados a elite brasileira foi o que mais explorou a mão-de-obra africana, por isso o Lula afirma que o povo brasileiro tem uma dívida a pagar com o continente africano, que nunca poderão pagar com dinheiro, mas sim com a produção de conhecimento científico, porém, com a forma de cooperação, das solidariedades em ajuda mútua. E, a um ponto de desenvolvimento que podem ser úteis para com o continente africano, dado que, os africanos só têm a ganhar com isso tudo.

Nós vamos construir uma universidade luso-afro brasileira na cidade de Redenção no estado do Ceará. Cidade que foi a primeira que houve o movimento pela libertação da escravidão no Brasil. É uma universidade que nós defendemos que ela tenha por volta de dez mil alunos, cinco mil alunos africanos e cinco mil alunos brasileiros. Essa universidade é para isso. É para gente formar profissionais. É para gente fazer uma espécie de pagamento de tributos que nós temos com o continente africano, e ajudar o continente africano (LULA. Discurso, 27/07/2010, Apud, MALO MALO, 2010, 2014, p.).

Para ajudar o continente africano como o ex-presidente costumava dizer em suas entrevistas e discurso, a única forma de ajudar era de construir uma universidade que permitia que os estudantes africanos pudessem ter um lugar, aqui, no Brasil para construções dos seus conhecimentos acadêmicos e científicos. Com isso, onde ele optou pela construção da universidade da integração internacional da lusofonia Afro-brasileira, Unilab, no Estado de Ceará, concretamente, em Redenção, que foi a primeira cidade conhecido no Brasil como aquela que libertou os escravos. Com a política de criação da universidade que previa ter dez mil estudantes (10.000), onde que seriam divididos ao meio entre Brasileiros e africanos que totalizavam dez (10.000) mil estudantes.

A propósito disso, de acordo com ex-presidente do Brasil, Lula, essa construção da Unilab servia de pagamento da dívida, formando os profissionais com os conhecimentos e, de modo geral, ajudar no desenvolvimento do continente africano. Sem esquecer que a Unilab esta sendo um grande pólo do conhecimento da África pelos povos brasileiros como também os povos africanos para com o Brasil.

Depois de um breve relato de aparecimento dos africanos em cidade de Redenção feita através de uma cooperação que se tornou de uma forma massiva. E, que fez de Redenção hoje uma cidade com muitos africanos, o descobrimento dessa cidade e a universidade que destacaremos no capítulo seguinte.

A cada período letivo, chega a Redenção, cidade do interior do Ceará localizada a 72 km de Fortaleza, novos alunos oriundos dos 13 municípios do Maciço de Baturité (e também de Fortaleza) e dos seis países lusófonos, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. O que somos ou o que seremos está em construção, em um ritmo semelhante às paredes que se erguem para acomodar os alunos em salas de aula e alojamentos. ABRANTES. (P, 137. 2014)

Sempre na cidade de Redenção em cada ano chega mais estudantes tantos africanos quanto os do próprio maciço de Baturité, tanto para fortaleza quanto para a universidade de Redenção, dentro de um período de um ano letivo chega sempre dois grandes grupos oriundos dos países africanos, e os do maciço. O que esses estudantes pretendem ser é de construir dentro de uma convivência entre quatro paredes e dentro também da própria cidade de redenção.

Estava previsto que em 2016 a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab, teria quatro *campis*: Liberdade, Palmares, Auroras e São Francisco do Conde. Isso com o intuito de corresponder às demandas da população e dos estudantes africanos e os do Timor-Leste, e também, para a atingir o número de estudantes que a instituição deveria atingir (5000). Como foi dito por Abrantes (2014)

A história de criação da Unilab faz parte de outra mais ampla referida às relações entre Estados-Nações. Numa conjuntura de iniciativas internacionais de diferentes ordens visando à ampliação da participação brasileira no cenário mundial, multipolar, contra-hegemônico e crítico das estruturas hierarquizadas e hierarquizantes do século XX, a África se tornou uma dentre outras regiões para a qual as apostas de nossos líderes governamentais passaram a ser incisivas desde 2003, numa política ativista diferente (ou pelo menos, que se espera diferente) da que teve lugar ao longo da história de relações entre o país e aquele continente. (Abrantes. p, 137. 2014).

Relativamente à criação da universidade da integração com o carácter agregue os estudantes dos PALOP e Timor Leste, as Nações Unidas com as suas relações nas conjunturas de iniciação internacional de diferentes ordens.

### **1.2.1 DESCOBRIMENTO DA UNIVERSIDADE E CIDADE.**

Neste tópico, descreveremos como os estudantes Africanos e Brasileiros que se encontram na universidade da integração internacional da lusofonia Afro-brasileira, Unilab, descobrindo como estão se inserindo na sociedade brasileira. E como estão enfrentando as dificuldades, o que estão aproveitando e descobrindo na sociedade brasileira.

Eu não conhecia a Unilab antes de chegar aqui, porque em 2011, a universidade ainda era nova, por isso não tinha muita informação publicada nas redes sociais, Internet, para nos informar como funciona universidade. Eu estava na universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Ela é a única universidade pública na Timor Leste, eu estou estudando aqui na Unilab, porque eu passei pelo teste feito pelo (UNTL) como estudante intercâmbio para estudar aqui na Unilab por meio da cooperação entre as duas entidades. (Anastácia, C.N.M. 25).

Na fala da estudante de Timor Leste da ciência da natureza e matemática, entende-se que a universidade do seu país tem uma cooperação com as universidades do exterior, porque, é partir dela que passam as informações das outras universidades para seus estudantes. Ela foi informada na sua própria universidade sobre a Unilab, através da cooperação que existe entre seu governo. E fez o teste na própria universidade para vir estudar na Unilab.

Venho para Brasil, porque era a bolsa que tinha só para vir aqui e eu não fiz uma escolha, porque não olhei para dois países. Essa universidade como meu lar de formação, porque, a bolsa que tinha só para vir aqui nesta universidade, por isso, Unilab é como meu lar de formação. (Januário. C. N.M, 23).

Ela explicou que escolheu a Unilab, primeiramente, porque a sua universidade não lhe apresentou duas propostas de universidades, mas era só uma, da Unilab, por isso, como não tinha escolha, ela acabou vindo para Unilab como sendo seu lugar de formação acadêmico.

Descobri a universidade da integração internacional da lusofonia Afro-brasileira, Unilab, através do meu irmão, ele esteve aqui há muito tempo que estava em São Paulo e foi chamado em Brasília. E, quando ele soube que já criaram uma nova universidade, me pediu para tratar

os documentos, e o meu caso não foi de saber da universidade pela rádio, jornal, ou televisão, mas sim uma coisa familiar. (Sura. Letras. 26.)

No caso do estudante Moçambicano, foi o caso mais diferente que já vimos. Ele afirmou que soube pelo seu irmão que na época já se encontrava no Brasil que por um motivo foi chamado a Brasília, porque se encontrava em São Paulo, que acabou sabendo da construção e abertura da nova universidade que é a Unilab. Que lhe pediu para tirar os documentos e preparar para se candidatar. O seu caso foi diferente com os das pessoas que souberam pelos meios de comunicação e redes sociais.

Primeiramente eu escolhi a Unilab, por ser uma universidade gratuita, Moçambique teve muitas universidades mais são pagas, todas as universidades de Moçambique públicas são pagas, por um dinheiro simbólico, que é para conseguir desenvolver a própria universidade, com isso que quando soube da Unilab, eu fiquei assim, porque não teve condições para continuar meus estudos. E como a Unilab é uma universidade da integração internacional também é para ter novas experiências conhecer vocês e vocês me conhecerem. (Sura. Letras. 26).

Sura, estudante do curso de letras Língua Portuguesa de nacionalidade moçambicana, relatou sobre o seu interesse pela escolha da universidade, simplesmente, é porque no seu país têm universidades públicas e muitas, porém, para estudar nelas precisava contribuir com um pouco para ajudar no próprio desenvolvimento da universidade, por isso, ele teve que deixar a universidade do seu país para inserir numa universidade que é gratuita que, de certa forma, também lhe permitia conhecer pessoas de outras nacionalidades e continentes, através de uma interação e convivência com elas.

Descobri a universidade da integração internacional da lusofonia Afro-Brasileira Unilab, através do processo seletivo dos estudantes Brasileiro chamado SISU do ministério de educação. Ele abre todos os anos à inscrição para Brasileiro, então naquela inscrição você pesquisa pelo estado quais universidades você pode se candidatar, e então pesquisei pela Unilab em Redenção que era a mais próxima da minha cidade mulungu, e conheci a Unilab através do processo Seletivo do (ENEN). (Gislailson, B.H.U. 20).

Na fala do Gislailson, estudante Brasileiro do curso de bacharelado em humanidades, explicou que descobriu a Unilab através do programa do ministério de educação que é feito todos os anos que os estudantes brasileiros possam se inserir nas universidades públicas, através do SISU (sistema de seleção unificada) e dali ele pesquisou por universidades, mas as mais próximas entre todas as que foram pesquisadas era a Unilab. Que fica perto da sua cidade. Pois, era a única universidade,

mas próxima da sua cidade, então ele conheceu a universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileiro através do processo seletivo de (ENEN).

Escolhi a Unilab como o meu lugar de formação acadêmico porque foi a mais próxima da minha cidade. E quem mora no interior é muito apegada aos familiares e minha mãe não queria que eu fosse estudar em fortaleza, porque a cidade de Fortaleza é muito violenta, então vim para Unilab, porque é mais próxima da minha cidade. (Gislailson. BHU. 20).

Assevera Gislailson que, escolheu a Unilab como seu lugar de formação acadêmica, porque, de certa forma, ele não tinha como escolher outra universidade que não seja no interior, porque, a sua mãe não iria lhe deixar ir para fortaleza por causa de que a cidade é muito violenta. Nesse caso, a única alternativa dele era encontrar uma universidade no interior, onde se encontra menos atos violentos. E, nesse caso, a universidade da integração caiu do céu para ele. Porque, a Unilab fica num lugar da preferência da mãe e ele fez o teste e entrou na universidade. Se formos ver também a situação dele tem haver com a família, sobretudo, medo de agressão e ficar distantes dos familiares. Para tanto, não é que a Unilab era a sua única oportunidade.

Descobri a universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, a Unilab em São Tomé através da rádio, na rádio pela manhã divulgaram o edital pelo rádio. Eu soube e me interessei e fui para embaixada do Brasil para saber dos detalhes da informação e fui o único e primeiro estudante de São Tomé em Unilab. (Braima, Agronomia, 26).

Na fala do estudante de São Tomé deu para perceber que ele descobriu a Unilab através de uma rádio nacional do seu país. Que a partir da rádio a notícia podia chegar mais rápida aos interessados a se candidatar, mas ele foi o único que foi a procura das informações na embaixada do Brasil em São Tomé e príncipe e conseguiu investir dando entrada em tudo que estavam pedindo e ele veio estudar em Unilab.

Não é que eu escolhi o Brasil ou a Unilab. Eu soube da universidade e fui ver coisas acabaram acontecendo. Pesquisando, mas eu já tinha interesse de estudar no Brasil por ser um país que fala português, mas também por ter colega que estudavam comigo e que estão estudando em fortaleza, então isso causou, mas interesse ainda pela Unilab, porque também se encontravam no estado do Ceará. (Braima, agronomia, 26).

Relato feito pelo estudante São Tomense de agronomia, compreendemos que, a escolha dele pelo Brasil ou para Unilab não foi só um único motivo, como ele mesmo

falou que escolheu “por ser um país que fala a língua portuguesa” escolheu o Brasil já pensando na facilidade da língua que em certo modo não seria problema para ele facilitação de comunicação, e por ter pessoas que de certo modo conhecia já a realidade do país e que podiam orientá-lo e ajudar com as coisas que ele achava desconhecido, ter um ponto de referência e uma guia.

Descobri a Unilab quando eu estava em Marrocos para estudar. Um amigo do meu pai soube da bolsa do Brasil e informou para o meu pai. Eu havia feito o teste em Angola sem saber para quê país fosse e como demorei muito eu fui estudar em Marrocos e comecei a fazer língua dois meses depois saiu o meu nome e dali soube que era para Brasil. Dali, eu fiquei tão empolgada de que eu vinha para Brasil. Eu ia para o Brasil por causa das novelas e coisas que me chamava muita atenção. Mundo de mil maravilhas são Paulo, praias. (Cristina. C.N.M. 26).

Na fala da jovem angolana estudante da C. N. M (ciência da natureza e matemática), percebemos que ela como sendo uma das primeiras esudantes da Angola em Unilab, ela fez teste sem saber para onde ela ia até pela demora ela já teria ido estudar em Marrocos, só depois de um período muito longo que saiu os nomes e ela foi aprovada, dali, ela voltou. Mas, ela soube da universidade através de um amigo do seu pai.

É assim, não fui eu na verdade que descobri a Unilab uma tia minha que é mulher do meu tio nos jornais que eles têm essa tradição de assistir o jornal e que nos jovens não temos esse hábito de assistir jornal, ela me informou se eu não queria vir estudar no Brasil e ela disse que era uma oportunidade boa. (Soraia. Administração pública, 26).

Na fala da estudante de cabo-verdiana, do curso da administração pública, compreendemos que, ela soube na universidade pela sua tia que viu a notícia sobre a universidade em telejornal e depois viu também pelo jornal e passou a informação para ela. Isso nos mostra também que a notícia sobre a universidade foi divulgada de forma mais acessível em que os pais podiam ver e orientar as suas filhas.

Brasil é um sonho desde pequena tudo isso por causas das novelas, mas a questão de dizer que toda parte de Brasil é igual, eu vim para cá sem saber que a Unilab ia ser no interior. E, antes era cheio de problema. Eu sei de todo problema evolução que a Unilab teve e o meu sonho se concretiza quando eu me formar. (Soraia. Administração pública, 26).

Seu sonho disse Soraia, já vinha desde criança de vir estudar no Brasil. A Unilab foi uma ótima oportunidade, ou melhor, foi o que ela achava que estava procurando.

Dado que, ela escolheu o Brasil tendo em conta as coisas bonitas que ela via passando na televisão, redes sociais. Imaginando que vinha para o Brasil que a mídia lhe mostrava. Ela se surpreendeu quando der conta que a Unilab se encontrava no interior.

No que concerne a esse capítulo, falamos sobre o processo do descobrimento da universidade para os alunos que estão dentro da universidade. E sua visão no decorrer da sua vida acadêmica até o momento presente na cidade, das evoluções tantas da cidade e quanto do espaço, com relação ao racismo na sociedade brasileira quanto africana dentro do espaço. Que estes estudantes frequentem com uma visão das pessoas que vieram de uns espaços diferentes, e se inseriram dentro de um lugar, para se conviverem do mesmo modo com as suas diferenças e semelhanças.

### **1.2.2 Descobrimdo o racismo.**

Procuramos mostrar as definições do racismo feitas pelos autores em relação as suas compreensões e estudos feitos nas sociedades, onde existe o racismo que maioria das vezes existe certas pessoas que o praticam. Porque, se forem fazer um censo sobre o racismo verão que em toda a sociedade existe o racismo. Mas, ninguém é racista, porque para além de outros casos a sociedades Brasileiras é uma sociedade composta pela mestiçagem. Por isso, maioria das vezes, eles tentam esconder a existência do preconceito pensando que todos são iguais e que não existe o racismo.

Segundo Kabengele Munanga, esse entendimento poderá nos ajudar a desvendar a especificidade do racismo em nosso país e compreender melhor os próprios discursos antirracistas que reúnem tanto os pensadores da chamada direita, quanto os da esquerda. Os de direita acusam os negros em busca da afirmação da sua identidade de criar falsos problemas ao falar de identidade negra numa sociedade culturalmente mestiça; os de esquerda muitas vezes os acusam de dividir a luta de todos os oprimidos, cuja identidade numa sociedade capitalista deveria ser a mesma de todo e qualquer oprimido (MUNANGA, 1994. P.187). (GOMES) apud, (MUNANGA, 2012 p. 44).

De acordo com esses autores o entendimento que temos que poderá nos ajudar a entender o problema do racismo e descobrir como surgiu e como está inserido na sociedade, e como está sendo pensado, e compreender os discursos feitos, onde em um lado, o negro está sendo acusado por tentar afirmar a sua identidade, porque a sociedade Brasileira é uma sociedade constituída por mestiçagem.

Mesmo sendo uma sociedade formada em sua maioria pela população negra (51%). Isso não os ausentou de sofrer preconceito em nenhum instante das suas vidas. Os negros estão num processo de construção e de reconhecimento das suas identidades, que vale a pena serem construída em todo o momento nas escolas até nas sociedades. Exigir que fossem respeitadas como as demais sociedades “brancas” que sempre foram o motivo de sua inferioridade.

“Essa reação tão diversa em relação ao uso do termo “raça” para nomear, identificar ou falar sobre pessoas negras deve-se, também, ao fato de que a “raça” nos remete ao racismo, aos ranços da escravidão e às imagens que construímos sobre “ser negro” e “ser branco” em nosso país.” (GOMES, P. 45).

Segundo a autora, o entendimento em relação à raça, o termo raça é usada para identificar uma pessoa da origem negra. Isso também é associada ao racismo e na época da escravidão e a imagem dos negros e dos brancos que foram construídas nas sociedades. Em algum momento afirmamos que a palavra raça, relativamente o que aprendemos nas escolas do ensino fundamental é existência de três tipos de raças, mas nunca pensávamos que tinha algo relativamente à raça em outras circunstâncias.

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. (GOMES, P 52).

De acordo com Gomes ele definiu o racismo como tendo um carácter de ódio sobre as pessoas que têm um pertencimento étnico racial diferente do que a sociedade propôs. É formação das ideias de pessoas que ainda acreditam nas superioridades e inferioridades das raças existentes, construindo uma imagem de pertença a essas pessoas achadas inferiores nas sociedades, em outras palavras é impor a sua verdade sobre o outro, sem que isso seja realmente verdade.

O racismo é uma questão estudada por vários pesquisadores. Alguns deles, como Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques d'Adesky (2002), afirmam que o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variadas formas, em diferentes contextos e sociedades. Segundo eles, o racismo se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional. (GOMES, P 52).

Ainda sobre a definição do racismo na perspectiva de vários autores citados pela Gomes. O racismo é também um comportamento dentro de uma sociedade que não é de hoje, que começou desde história das humanidades, de acordo com eles existe dois tipos de racismo que estão ligadas, o individual que a pessoa sofre, sozinha de uma forma enfrentada, e institucional, que em algum momento pode ser dentro da instituição onde trabalha.

O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país. (GOMES, p. 46).

No Brasil o racismo é um problema, ou um ato consolidado desde muito tempo na sociedade, mas a sociedade Brasileira sempre negou e continua negando a existência desse racismo, que são racismo e preconceito, dizendo que não existe dentro de uma sociedade que contém as pessoas mestiças, e as pesquisas feitas relativamente a esse fenômeno mostra claramente que ainda existe em muitos espaços, tanto na academia quanto nos espaços em relação ao gênero, e vivem numa situação muito preocupante. Segundo a explicação da Gomes.

Ora essa compreensão do racismo significa circunscrevê-lo à modernidade, pois nos remete logicamente ao aparecimento da ciência da biologia e da filosofia política liberal. O racismo surge, portanto, na cena política brasileira, como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados. (Guimarães. P.11. 2014).

De acordo com Guimarães relativamente à questão do racismo, ele explica que o racismo surgiu na sociedade Brasileira desde muito tempo, tempo em que os escravos estavam prestes a serem libertados. E, eles próprios escravos se envolveram no racismo entre si, porque isso também mostra que em maioria dos casos uns por serem muito amigos de patrões, faziam outros sofrerem.

O racismo brasileiro, entretanto, não deve ser lido apenas como reação à igualdade legal entre cidadãos formais, que se instalava com o fim da escravidão; foi também o modo como as elites intelectuais, principalmente aquelas localizadas em Salvador e Recife, reagiam às desigualdades regionais crescentes que se avolumavam entre o Norte e o Sul do país, em decorrência da decadência do açúcar e da prosperidade trazida pelo café. (Guimarães. P.11.2014).

Para Guimarães o racismo no Brasil, não é a reação das pessoas em busca da igualdade, porque de um lado, se vejamos bem, só uma parte de sociedade que sofre o racismo, os pobres e, por outro lado, vimos que as elites Brasileiras nunca sofrem racismo. Outra coisa, é que na sociedade brasileira em geral, o pobre que vive na periferia sofre mais preconceito em relação ao outro pobre que vive no centro da cidade, visto que, esse pobre da cidade adquire um padrão de vida diferente daquele pobre da periferia, por causa disso, sofre menos racismo.

O racismo é um comportamento, uma ação resultante. Para mim, racismo é ter a ideia de não gostar da pessoa, porque ela é negra e de não gostar da pessoa pela sua identidade. Ainda, o racismo é a ideia de não gostar de um indivíduo, porque ele é negro e pelo que lhe identifica e isso também, é preconceito racial. A própria pessoa lhe discrimina através da sua raça humana, pelo seu país, pela sua cultura. Pois, já presenciei sim, dentro e fora da universidade, uma menina que era a única Africana da turma, que sempre era isolada e nunca tinha grupo para fazer trabalho não ser que a professora obrigasse que a colocassem num grupo. (Gislailson. BHU, 20).

No que diz respeito o preconceito racial, de acordo com o entrevistado, ele presenciou, no entanto, o relato que ele fez é um relato sobre a sua entrevista com um aluno dentro da universidade. Que por ser a única africana que tinha na turma, ela nunca encontrava grupo para se juntar para fazer um trabalho. Para tanto, ela tinha que entrar um grupo, com autorização do professor. Dado que, quando, o grupo não tirar nota boa a culpa recai sobre ela. Por isso, hoje em dia, como têm muitos africanos na universidade, agora, é mais fácil encontrar os estrangeiros num grupo e os Brasileiros no outro, a não ser que, uns queiram se juntar por serem amigos ou se gostam.

De acordo com Anastácia, aluna da ciência da natureza e matemática (C.N. M) “Racismo é um estabelecimento sobre a superioridade e inferioridade de determinada raça, ou seja, estabelecimento de uma raça que é melhor do que outra, ou, uma que é pior que outra. (Anastácia,” C.N.M. 25).

Compreendemos que, ela definiu racismo como sendo a lei que estabelece a superioridade e inferioridade entre as determinadas raças, caracterizando-as uma como sendo superior que outra.

Falando das situações fora da universidade, as festas, no contexto brasileiro, vão até às cinco horas (5h) ou às seis horas (6h) de manhã, enquanto que, para os africanos sempre das vinte e duas horas (22h), já chega polícia para parar a festa, especificamente na cidade de

redenção. Tal como aconteceu nos correios, quando, um amigo meu Africano chegou primeiro e a menina Brasileira chegou depois dele, foi atendida. Logo, a moça atendente do correio me disse que ela é brasileira, por isso, que tinha prioridade, entretanto, até liguei para serviços dos correios e fiz reclamações e a moça do correio levou uma advertência e não trabalhou por 15 dias. (Gislailson, BHU, 20).

Na fala do estudante brasileiro, Gislailson, ele nos relata sobre a questão do espaço de convivência, ou, de festa. A questão da festa tem sido um dos maiores problemas para os estudantes estrangeiros, de tal forma, que seriam diferenciados os horários pelas entidades Brasileiras. Pois, quando, a festa é dos estrangeiros, termina às 22 horas, mas, na realidade dos estudantes estrangeiros esse horário (22h: 00) deveria ser o do começo da festa. No entanto, polícia já chega querendo parar tudo, mas isso não acontece, quando, os estudantes brasileiros fazem festas. As entidades Brasileiras os deixam até pela manhã.

Desta maneira, podemos verificar que os estrangeiros não têm liberdades e privilégios. Fora da universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab, na cidade da Redenção, por onde fica correio, o nosso entrevistado afirma que, já deparou com essa situação, mas, disse que a mais chocante foi à fala da moça do correio. A resposta dela foi muito fria, porque, ele é estrangeiro, isso mostra que os brasileiros sempre são prioritários. De um lado, nos demonstra que, quando, conhece os seus direitos nunca será enganado. Por outro lado, sempre tem que procurar conhecer seus direitos e deveres.

Preconceito racial é a forma de exclusão social, onde um indivíduo ou um grupo não aceita a outro indivíduo para realizar ou integrar as suas ações ou ideias. O preconceito racial existe quando houve o desentendimento dos povos. De certa forma, leva-se a existência de exclusão social, através do querer das pessoas e não por influência apenas do meio ambiente, por onde o indivíduo vive ou pertence, mas sim, das pessoas pelas quais convivem. (Anastácia. CNN. 25).

Para aluna da C.N.M. do Timor, definiu que o preconceito racial como sendo forma de exclusão social, onde, um indivíduo ou grupo de indivíduos não aceita a outro para se integrar e que possa participar e interagir com o grupo. Neste sentido, de acordo com a nossa entrevistada, o preconceito existe quando há discórdia entre as pessoas ou povos que, isso, de certa forma, leva a exclusão social do indivíduo e não apenas por influência do ambiente que o indivíduo pertence, mas sim pela sociedade da qual vive.

O preconceito racial, uma pessoa é discriminada pela raça humana que essa pessoa pertence, ou, às vezes pelo país aonde veio e que

muitas das vezes pelas suas culturas por serem deferente dos outros. (Gislailson. BHU,20. 2016.)

Como assevera Gislailson o preconceito racial é uma discriminação que as pessoas fazem desvalorizando a raça humana pela sua diferença, tanto quanto pelo seu lugar de nascença, sua cultura por ser deferente a delas.

Racismo é olhar para o outro e não colocar no lugar dele, é menos presar não dar respeito criar estereótipo sem mesmo conhecer a própria pessoa, vendo a cor que ela pertence, criando todas as imagens atreladas à fisionomia da pessoa, assim, marcando um distanciamento com ela (Soraia. Administração Pública. 26).

Para a estudante cabo-verdiana do curso da Administração Pública da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab, o racismo é falta do carácter de valorizar outra pessoa através dos seus costumes e valores, colocando-se no lugar dessa pessoa, respeitar, não ficar criando estereótipos sem ter conhecimento da própria pessoa.

Preconceito racial é negação de conviver com a pessoa pela sua diferença, olhar para o outro e repudiar. Pois, eu, ainda não sofri isso na cara, mas já me olharam torto. Mas também, percebi isso no tom da fala, mas diferente, com o preconceito racial de Portugal que se sente na lata ou na cara. No entanto, aqui, vê-se isso na discussão, onde você escuta dizer que alguém falou que outro disse, mas nunca presenciei, porque, se eu presenciar não iria ficar calada. No entanto, fora da universidade já presenciei sim, estávamos na nossa casa a escutar a música e chegou um homem falando, vocês pensem que mandam aqui, nós é que mandamos aqui. Vocês pensam que pelo fato de estarem a receber esse dinheirinho da Unilab e acham que podem mandar aqui. Mas eu não reagi, porque, ele podia ir pegar na arma e me matar, ainda sabemos que, nós internacional, não temos vez nem voz. Mas compreendi que, é porque somos meninas, por isso, nos falou de tal maneira, mas se fôssemos meninos, ele não teria ousadia de nos dizer aquela conversa. Ainda não aceitaríamos que esta falta de respeito tivesse lugar, (Soraia, administração pública, 26).

De acordo com estudante da Administração pública de nacionalidade caboverdiana, percebemos que ela definiu o preconceito racial como sendo um ato de não conviver com uma pessoa por ela ser diferente. Mas também é ver ela e repudiar. Soraia afirmou que, dentro da universidade, ainda não sofreu e nem presenciou, a não ser aquele olhar torto que os Brasileiros costumam ver aos africanos. Que é associado à cor da pele. Para ela em Portugal é muito diferente. A pessoa fala o quer na sua cara de que não gosta de ti, mas aqui a pessoa não o faz de forma clara. Aqui, em redenção, para uma pessoa preconceituosa, ela espera no momento de discussão. E, às vezes você ouve a pessoa dizer que, ouviu outras a dizerem, mas nunca presenciou, porque se alguma ouvir isso nunca ficaria calada, disse Soraia. Fora na universidade sim, Soraia afirma

que já presenciou, inclusive, na sua própria casa, onde estavam ela mais umas meninas de suas colegas, escutando música. E, chegou um homem, falando para elas se pensem que mandam aqui. Para tanto, elas perceberam que, na condição de elas serem meninas, por isso, receberam tal conversa, mas se fossem meninos, talvez, tal homem não teria coragem de dizê-las tais palavras de intimidações.

De acordo com Soraia, o homem disse que, eles, nacionais brasileiros, particularmente da cidade de Redenção, são eles é que mandam nas suas terras, “nós é que mandamos aqui”. Ainda aponta para elas, as meninas que lá estavam, “será que, vocês pensam que pelo fato de estarem a receber esse dinheirinho da UNILAB e acham que podem mandar aqui”? Entretanto, calou’sse, porque, percebeu que, se ela disser alguma coisa, o homem poderia ir pegar algum material para lhe ferir. Ela sabe-se que, elas, africanas, não têm vez nem voz. Pior ainda, pela condição delas serem meninas nenhuma de se livrarem daquele maltrato que o homem fez com elas.

Preconceito racial é o que mais abrange todas as sociedades do mundo. Presenciei e sofri o racismo dentro e fora da universidade, na igreja, em fortaleza. Preconceito racial acontece, quando, as pessoas julgam por demais pela cor, ou, melhor pela raça. Mas, eu não gosto de lembrar, nem gosto de relatar sobre isso, simplesmente, naquele dia me ausentei do local (Cristina, C.N. M, 26).

Preconceito racial, segundo relato da aluna da C.N.M, é um ato que mais abrange todo o universo. Algumas pessoas sofrem por causa da sua cor de pele, ou, melhor pela sua raça. Ela afirma que já presenciou isso e sofreu o racismo dentro e fora da universidade, inclusive na igreja, em fortaleza, mas não gosta de lembrar, e nem gosta de relatar a respeito do ocorrido, simplesmente, resolveu deixar o lugar, por onde estava a sofrer o preconceito.

## Capítulo 2

### 2 Brasil e África na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Este capítulo nos permitirá fazer um relato dos estudantes nacionais e internacionais que se convivem no mesmo espaço, analisando-os totalmente diferentes, mas buscando compreender o que eles têm em comum, os seus comportamentos, suas culturas entre as diferenças e semelhanças. Entrevistamos alunos que fizeram relatos através das suas visões antes e depois, dentro e fora da UNILAB.

Com o governo Lula as políticas se modificaram e pode ser continuadas e aprofundadas, abrir espaço para relações mais amplas, menos seletivas, mais duradouras, invocando dimensões políticas, económicas, sociais e culturais, em vez, simplesmente, das confissões de afinidades históricas e de interesses comerciais de curto prazo. (BELLUCCI. 2010.p. 2).

Perante o governo do Lula, houve as modificações contínuas e profundas que ampliaram os espaços para as grandes relações e com menos seleções e mais duráveis direções para as de menções políticas, económicas, social cultural, através das afinidades históricas de um prazo menos duradouro.

Houve uma influência recíproca entre o Brasil e a África durante muitos séculos. Mas dois fatos bloquearam essas relações e trouxeram um distanciamento e um desconhecimento mútuo entre esses povos. O primeiro foi a permanência no Brasil, após o término da escravidão e o advento da república, de um sistema político compromissado com as grandes potências coloniais e imperialistas e, internamente, com o latifúndio. O segundo, foi o colonialismo que se instalou na África, nesse mesmo período. (Bellucci. 2010. p.09).

Durante séculos, tiveram uma grande reciprocidade muito influente entre o Brasil e a África. Tiveram alguns fatores como obstáculo de fecho que colaborou para o distanciamento entre ambos, isso também contribuíram no desconhecimento de muitos acontecimentos em relação à África, entre tantos outros fatores, o primeiro, destacamos o fator, quando, o Brasil continuou a relação com as grandes potências coloniais e imperialistas, internamente com latifúndios, após a escravidão e chegada da república. Como afirma o Bellucci:

O primeiro período é o colonial brasileiro, do século XVI ao XIX. As relações aqui eram fundamentadas na escravidão e no tráfico de escravos, mas expandiram-se em direção a outras formas de comércio, e incluíram o intercâmbio de ideias e de experiência políticas e

institucionais. Valores civilizacionais atravessaram o mar e se instalaram nos portos e cidades. Foram de técnicas agrícolas a trocas de cultivo até a formação da língua portuguesa. Não foi apenas a força de trabalho escrava que atravessou o Atlântico. Toda uma economia, e valores sociais, se articularam e se desenvolveram, envolvendo povos dos dois lados do Atlântico. (Bellucci. 2010. P.9).

No período colonial, durante séculos: XVI e XIX, as relações foram sustentadas pela escravidão e pelo tráfico dos escravos, mas também se espalharam para outras direções, tal como, o comércio e programaram a troca das ideias políticas e também entre os locais de trabalhos, os valores da civilização, se atravessou pelo oceano e se inseriu nos portos e cidades, maneiras do cultivo para as formações da língua portuguesa, os escravos atravessaram o oceano com tudo que tiveram tanto cultura como valores sociais e econômicos para Atlântico.

Nos finais do século XIX, com a extinção do tráfico de escravos, e a invasão europeia na África, o Brasil ampliou a separação com o continente africano. Os interesses diplomáticos brasileiros dirigiram-se para a Europa, a América latina e os Estados Unidos da América. A frieza da relação com o continente africano prolongou-se até os finais da 2ª Guerra Mundial. (Bellucci. 2010.p 10).

Com término de tráfico de escravos e a ocupação europeia na África, o Brasil se separação com o continente africano. Mudaram os seus rumos e ideias em relação à África e os interesses foram voltados para Europa, as Américas latinas e os estados unidos, em relação aos seus interesses com continente africano estagnaram-se e cortaram as relações até depois nos finais da segunda guerra mundial.

Depois de ter feito um breve relato sobre o continente africano vieram para o Brasil, através, de um acordo e um projeto de cooperação feito pelo ex. Presidente Lula. No tópico seguinte, nós retrataremos sobre o impacto que isso originou através dos dois povos totalmente diferentes, que por destino vivem no mesmo espaço.

## **2.1 ESTRANHAMENTOS SOBRE A ÁFRICA E OS AFRICANOS.**

Este tópico mostrará o comportamento de estranhamento, não só dos estudantes Internacionais e Nacionais, mas também, da própria população local em relação aos africanos e dos africanos em relação as pessoas do espaço em que se encontram.

Todas as sociedades são influenciadas por meio de comunicação social, isto é, por meio da Mídia. Eu tinha pensado que, é um país desenvolvido, tal como, o Brasil é organizado e não tem problema social. Não existem conflitos em relação à África através da mídia

tinha pensando que é um país, mas na verdade quando eu convivi com os amigos de diferentes países da África que compõem a Unilab. Eu percebi que a África não é um país, mas sim, um continente. Ela, África, é um continente que já existia muitos anos atrás. (Anastácia, C.N.M. 25).

De acordo com aluna Timorese C.N.M. relatou que em todas as sociedades a mídia influencia e que ela mesma tinha esse pensamento que a Mídia passava. Ela pensava que o Brasil é todo desenvolvido, mas pelo contrário tem algumas partes que não são desenvolvidas, porque acabou vendo agora essas partes do Brasil, pois, achava que não tem conflito no Brasil. E, com relação à África a mídia também a influenciou. No entanto, a partir da sua convivência com os colegas Africanos de diferentes nacionalidades que estão dentro da universidade, ela acabou descobrindo que a África não é um país, todavia, um continente que existia há muito tempo.

No meu ensino médio, praticamente, não estudei nada sobre a África, continente africano, mas se podia estudar sobre a África na disciplina de história, mas nessa disciplina essa matéria era uma vez por semana, cada aula tinha 50 minutos, então, eu, praticamente, não estudei nada sobre a história da África, isto é, antes da Unilab, e depois da Unilab. Quando, cheguei, aqui, na minha turma tinha em torno vinte alunos africanos guineenses, cheguei fiquei muito espantado. Porque havia tantos africanos em toda parte e, por aonde eu ia tinham africanos, inclusive, na vizinhança tinham africanos, a partir daí me comecei a pesquisar por que tinham tantos estudantes Africanos na Unilab, pesquisei sobre a África e seus povos e suas culturas, e descobri que o que passava da televisão e nas escolas não se assemelha com o que eu comecei a descobrir com os estudantes Africanos comecei a ter contato com eles, em particular, os estudantes de nacionalidade Guineense. (Gislailson, B.H.U.20)

Na fala do aluno, Gislailson, do curso de Humanidades, apresenta um breve relato sobre a forma como aprendeu a história da África, mas também, como pensava sobre a África e como entendia história da África e os seus povos, suas diversidades culturais. Pois, ele afirma que para estudo da história da África seria, apenas, na disciplina da história que tinha apenas 50 minutos por semana, isso também, o influenciou bastante no desconhecimento da história do continente africano no seu todo.

Praticamente, ele não tinha estudava nada sobre a África, dado que, 50 minutos de aula por uma semana não nada para aprender, a não ser ter noção do que foi tratado. Porém, depois que ele entrou na UNILAB viu os africanos pela primeira vez e ficou assustado, pois, na universidade, metade da sua turma, quase era africana, especialmente, os guineenses. Além disso, ele tinha vizinhos africanos e a partir disso ele começou a fazer a pesquisa. E, começou a descobrir pouco a pouco o que é África,

pois, acabou descobrindo que, o que passa na televisão e nas escolas não se coexistem com o que ele está se descobrindo, visto que, começou a fazer a amizade que até, hoje. Ele já teve a oportunidade de conhecer um dos países da África, Guiné Bissau. E, realmente, o que ele viu é muito diferente do que ele ouviu e aprendeu, e nem se comparava com o que a mídia nos passa.

E sobre o continente africano confesso que não tenho muita informação, sinceramente, e aqui é que fiquei sabendo de muitas coisas sobre a África, até, porque, eu estudei numa escola portuguesa, e também não tinha nem a informação de São Tomé, o que tenho é pouca coisa, eu tinha mais informação europeia, e nem sabia que em Guiné-Bissau as pessoas falavam a língua crioula, soube disso só quando cheguei aqui na UNILAB, e achava que era igual em São Tomé que as pessoas falam o português, normalmente, e nunca tive também contato com os guineenses e Moçambicanos, só aqui que os conheci. (Braima, Agronomia, 26).

Para o aluno de São Tomé e Príncipe, Braima, do curso de Agronomia, através da sua fala não se podia ter muitos conhecimentos sobre a história da África, em particular, nos países do PALOP. Compreendemos que para quem, ainda, estuda numa escola portuguesa não é dado à oportunidade de estudar, em nenhum momento, a história da África, mas apenas a história europeia. Até que são só considerados feriados do Portugal, não do próprio país. E, depois de ter chegado à Unilab, ele aprendeu muitas coisas que na Guiné-Bissau, os guineenses falam outra língua, o crioulo, além do português. A Unilab, realmente, é um tipo mosaico de construção de ideias e de conhecimento, que muitos não podiam ter nos seus próprios países de origem.

De acordo com a leitura do trabalho de conclusão do curso, (TCC) da Gomes, nos deu para perceber que as reações do povo de redenção em relação aos negros africanos foram muito percebidas. Pelo fato de que africano ser mais escuro, isso, praticamente, estranhou a população local. E, o seu modo de vestir e até de comportar, e ela ressaltou que o estranhamento pode ser também a partir da cor negra que, nenhum momento, foi classificada como algo de grande importância.

De certo modo, dizer que, depois de abolição os escravos voltaram para suas terras, se isso fosse verdade, significaria que não têm mais escravos na cidade de redenção. E, que a maioria dos povos nunca viu os africanos, falando em estranhamento isso nos faz lembrar que, uma vez, quando fomos para canoa quebrada, uma menina Brasileira nos falou da seguinte maneira “você viram essa menina é parente de vocês, mas quando ela chegou aqui ela não sabia falar português, mas agora ela fala muito

bem,”. E, nós respondemos para ela, olha não é que ela não sabia falar português, mas sim, vocês é que não falam português. Vocês falam cearense, daí, ela não entendeu.

Sobretudo, nos deu para compreender que ela não tinha conhecimento sobre África, porque se tivesse ela iria perceber que os africanos da PALOP, falam português. Na mesma ótica, aconteceu em Dragão do Mar, quando uma senhora a começou a falar conosco, fazendo gesto. Eu, em particular, perguntei à senhora por que é que estava falando com gesto? Ela, por seu turno, disse que “eu achei que vocês não entendiam a nossa língua”. Eu lhe respondi, a vossa língua, o português? Eu falei para senhora nós entendemos o português sim. A não ser que, a senhora queira referir o Cearense isso sim é vossa língua, mas, o português é do colonizador. A diante, eu lhe disse que nós também fomos colonizados pelos portugueses e que já sabíamos falar essa língua há muito tempo. E, ela subscreveu a minha fala.

Havia também um homem um pouco velho que caminhava sempre na estrada ao lado da quadra da redenção sempre que os africanos passavam, ele contava quantos são, mas um dia quando ele contou o menino lhe retorquiu na mesma forma chamou lhe também de índio, ele ficou com raiva e nunca mais contou nenhum africano.

Ao meu olhar, o que mais estranha à população Redencionista é os cabelos dos meninos e das meninas, africanos e africanos. Os cabelos chamam a atenção e levam eles ao estranhamento. Uns gostam até tentam fazer e outros não gostam. Outros perguntam como é que se faz para lavar essas tranças. Se os cabelos são pesados. E, ainda, perguntam para os meninos e meninas, como eles vieram para Redenção. Eu, particularmente, me incomodava muito, quando alguém me chamava de “HEI”, eu não consigo familiarizar com essa expressão, porque tenho uma cultura que não permite isso. Para mim, mesmo não conhecendo uma pessoa não lhe chamava por esse apelido, mas, hoje, entendi que estou aprendendo mais uma coisa na minha vida, mas nos meus primeiros tempos isso me inquietava bastante.

O que eu percebi do continente africano, não vou dizer no geral que são muitos países que fazem partes do continente, mas sim, vou falar de Angola e alguns países da África. É que lá a realidade é totalmente diferente com o que se entende dentro do Brasil. A realidade que passa na mídia sobre o continente africano não é a mesma realidade que existe no continente africano. Os brasileiros não têm noção do que é o continente africano. Eles Pensem que África é um país só fazem comparação entre a África e Brasil. Mas África tem 50 e poucos países e Brasil é um país só. A África é um continente. Lá, em Angola nunca me passou pela cabeça que tinham pessoas que pensam essas

coisas do continente Africano. Se você quer ouvir muita coisa do continente africano se junte as pessoas da igreja, ouvirá o que elas irão te perguntar. Eles me perguntam tudo, até, te perguntam, se lá, em África, nós comemos biscoito de Barros. Uma colega brasileira perguntou assim dizendo aos meus colegas africanos: desculpe-me mais vocês comem piolhos. Estranha a pergunta e ninguém a respondeu. E, uma vez, uma senhora me viu e não sei que nacionalidade a senhora pertence. Ela deduziu dizendo que, no continente africano não tem garfo, todos os africanos comem com as mãos. E, das coisas que me doem esta primeira é que o Brasileiro não respeita a cultura dos outros. (Cristina, C.N.M, 26,).

Através da fala da aluna de nacionalidade Angolana do C.N. M (Ciências da natureza e Matemática) percebe-se que, ela explicou que quando ela se encontrava antes da UNILAB, ela realmente não sabia que tinha uma parte do mundo em que as pessoas pensam sobre o continente Africano, construindo a imagem distorcida sobre a realidade africana. E, só depois que ela chegou ao Brasil para estudar é que ela deparou com essa realidade, as perguntas sem cabimento que as pessoas fazem “se em África as pessoas comiam biscoito de Barros”, mas em nenhuma parte do mundo o barro foi feito para ser comida, isso é para mostrar que há concepção ruim sobre a África de que tem fome e miséria.

De certa maneira, até que a brasileira perguntou se os africanos comem piolhos, a mesma coisa aconteceu com o pastor responsável máximo pelo um grupo que se diz está à frente para pregar a palavra de Deus, falando que a “MACUMBA” foi trazida pelos estudantes africanos da UNILAB. Pelo visto, compreende-se que há um desconhecimento total das culturais que existem em África, dado que a forma de comer com a mão é uma das culturas que os africanos têm, mas não é que no continente africano não há talheres, pois os africanos fazem daquela maneira para que não percam com os costumes dos seus antepassados.

## **2.2 ESTRANHAMENTOS SOBRE O BRASIL.**

Este tópico é para mostrar o estranhamento dos estudantes Internacionais em relação ao Brasil. O que eles tinham visto nas TV (televisões) e pelo que estão vendo hoje em dias no Brasil.

O Brasil como todas se achavam. A maioria que viu, aqui, não era o que se via na TV. Nós vimos o Brasil mais a zona sudoeste, São Paulo, Rio de Janeiro, praias bonitas e prédios. E, não mostram essa parte onde têm pessoas que passam por muitas dificuldades que nem no

continente africano essas coisas são totalmente erradas. Nem as coisas que são erradas no continente africano são totalmente contrárias do que se vivem aqui no Brasil, porque do continente africano só passa na TV a pobreza, e então não passa a outra parte, e aqui no Brasil é ao contrário que na TV Brasileira leva a imagem de um Brasil diferente para nós. (Braima, agronomia, 26).

Compreendemos que, na fala do estudante de São Tomé e Príncipe, todos os estudantes do PALOP, aqui no Brasil já tinham ideias do Brasil, mas só que, depois de suas chegadas ao Brasil que constataram uma realidade totalmente diferente. Mas também tinham algum lugar no Brasil que se comparava um pouco com o continente africano. Porque se verificarem melhor, perceberão que não somente o povo brasileiro que se vivia na base da utopia, mas nós também, assim eles afirmaram. Porque, eles, os estudantes africanos, foram confrontados com uma realidade diferente do que lá conheciam, indicando como título de exemplo as novelas brasileiras.

Braima falou também sobre a zona sul. Uma zona que era padrão da sociedade brasileira, onde, as pessoas consideradas bonitas eram as loiras. E, hoje, cada um de nós, aqui, se encontra pode tirar a sua ilação e fazer a análise do que é certo. O Brasil e a África, de certo modo, têm coisas semelhanças. Porque, a única diferença é que no Brasil as imagens boas que são mostradas na TV, mas as imagens ruins não são mostradas, enquanto que, para a África as imagens mostradas na TV brasileira são as da pobreza, porém, as imagens boas da parte da África não são mostradas, ou seja, as imagens boas da África não aparecem na TV brasileira.

A minha chegada, aqui, no Brasil, foi um choque cultural. Quando cheguei à fortaleza estava tudo bem, eu não sabia que existe esse Brasil. Quando cheguei à redenção durante a viagem comecei a ver que era um longo percurso e chovia muito. A UNILAB mudou muito. A cidade de redenção evoluiu muito e a universidade está sendo rebocada, desde que eu cheguei em 2011. (Cristina, C.N.M, 16, 2016).

No relato da Cristina da C.N. M, sendo ela uma das primeiras alunas africanas de Angola em redenção. Destacou que algo importante que lhe fez escolher o Brasil é a formação acadêmica. Ela afirma que não escolheu a redenção, ou melhor, o Brasil pela falta de oportunidade, mas sim, porque a TV brasileira lhe apresentava uma imagem de um lugar do qual desejava viver para realizar os seus sonhos. No entanto, foi contrário para ela, assim como, qualquer outra africana que conhecia o Brasil pela TV e que está, pela primeira vez, no solo brasileiro do mesmo modo estranharia. Ela disse que ficou surpreendida, visto que a mídia brasileira nunca a mostrou essa parte do Brasil.

Ela mesma afirmou que via pela TV, roupas bonitas e que quando chegou à fortaleza a situação estava tudo tranquila, mas, logo ao vir para redenção se der conta do que vinha para um lugar, entremamente, diferente do que via pelas redes sociais, sentiu-se triste. Conclui que a Unilab quanto à cidade de redenção mudou muito em tudo hoje em dia, que dantes se encontrava em fase de construção.

Ela falou do seu estranhamento com a cidade de redenção tendo em conta o que ela já via pela TV Brasil, quando, estava em Angola. Ela sentiu-se incomodada ou chateada, porque, nem se quer ouvia falar de que o Brasil tinha outra parte no interior com essas condições. E, que quando ela chegou à cidade de redenção a Unilab ainda estava na sua fase do término. Pois, conclui que se escondia essa parte do Brasil, mas mostrando a África a partir das partes que não existiam no continente africano. Em algumas circunstâncias, de acordo com a Cristina, a TV Brasil, em certo caso, engana tanto nos quantos os que não sabem da África.

Eu vejo a questão do Brasil diferente do que eu via antes de vir para cá. Achei que era tudo que eu estava imaginando. Eu já havia projetado um Brasil na minha mente que eu encontraria quando vier para cá. Nem fui informada a partir daqueles que vieram ao Brasil antes de mim. Porque, aqueles que vieram depois de mim foram informados, portanto, tinham como fazer uma escolha de virem à Unilab ou absterem-se, mas eu não tive essa oportunidade de fazer a escolha disso. Para mim, eu pensava que a Unilab ficava em Fortaleza e, quando, eu fiz cinquenta minutos (50min.) no carro para cá. E, dentro do carro só tinham cabo-verdianos e, eu não tinha conhecido os cabo-verdianos, mas, eu sabia que somos 80 e poucas pessoas, mas, não conhecia todo mundo. Para tanto, a imagem do Brasil que eu tinha, acho que a Unilab foi um milagre à minha vida e às vidas de muitas pessoas no que tange ao conhecimento do Brasil, diferente o da TV Brasil. (Soraia, administração pública, 26).

Ressaltando que todos os africanos tinham a visão de um Brasil antes de suas chegadas ao Brasil. Porque, nota-se que os estudantes africanos, aqui residem, têm o mesmo discurso em relação ao Brasil. Criaram as expectativas, mas viram o que não esperavam do Brasil, em particular a cidade de Redenção. Como afirma Soraia, agora, muitos que estão vindos, por esses últimos tempos, têm a oportunidade de escolha, porque, foram informados. Mas, aqueles que já foram informados como Brasil é, portanto, essa imagem do Brasil da TV não cai só, quando, eles chegarem e darem conta da situação, mas sim, eles reparam que realmente viviam numa utopia.

Soraia ao chegar o Brasil estranhou em particular à cidade de Redenção, mas também, ela não foi conhecia as demais pessoas que se encontravam em fortaleza.

Entretanto, ela ainda não tinha conhecido os cabo-verdianos que aqui vieram com ela e nem como pedir-lhes as informações sobre a cidade de redenção.

Entre todas as nacionalidades da Unilab eu sou o mais solitário. Sou o único da minha nacionalidade e tinha colegas só em fortaleza. Mas, como falei antes que vim, aqui, por certo motivo, estranhei a cidade sim, porque nunca soube e nem pensei que o Brasil podia ter uma zona tal como vi em Ceará. Portanto, os brasileiros também podem sentir-se incomodados com a presença massiva dos estrangeiros. (Braima, agronomia, 26).

Braima assevera que, foi solitário e único da sua nacionalidade a integrar ao grupo composto por 80 estudantes de diferentes nacionalidades de países da África lusófona. Para tanto, podemos compreender que a angústia e a tristeza, nos primeiros momentos de sua chegada à Redenção, governavam o seu corpo. Ele, em primeiro lugar, não tinha com quem partilhar a sua angústia e tristeza sobre a cidade e o seu estranhamento em relação às diferenças que ele encontrava através do desconhecimento da “redenção”. Pois, ele tinha amigos só em fortaleza, amigos muito longe, por conta disso, ele gostaria de ter um amigo mais próximo, para que, eles possam dividir as tristezas, os estranhamento de tudo que eles encontravam, porque, naquele momento a Unilab estava em construção, de modo que, cada um procurava um amigo, considerando-lhe como um irmão do campo de estudo.

O Brasil antes da Unilab, é que nas salas de aulas as histórias contadas, foram mais sobre o Brasil do tempo colonial, como o Brasil foi descoberto, não estudei no específico sobre os estados que o compõem e nem tínhamos aula sobre a África e nem conhecimento prévio sobre o Brasil e, de certo modo, se assemelha à história do continente Africano. (Gislailson, BHU, 20. 2016).

Segundo Gislailson, estudante do bacharelado em humanidades, estudar o Brasil foi à mesma coisa que estudar a África, mais ou menos isso, que nas escolas, estudava mais sobre o Brasil dos tempos coloniais e o seu descobrimento. E, que não conhecia os estados que compõem o território nacional, sobretudo, não tinha também a aula sobre o seu próprio país, do mesmo modo, que ele não sabia nada sobre a África, visto que, não tinha aula sobre a África.

Após o estranhamento, um ou outro problema a analisar seria o problema da integração, buscando saber se realmente tem ou não. Esse fenómeno que dizem que só existe nos papéis, que era para ter sido um ato constante nas vidas de pessoas que constitui um espaço chamado universidade, que em algum momento acontece pouco, e em algum momento não acontece.

## Capítulo 3

### 3. CAMINHOS DA INTEGRAÇÃO?!

Nesse capítulo, retrataremos a questão da integração. Como um sistema que permite dentro da Unilab, uma forma de convivência entre os estudantes nacionais e internacionais. A integração é também forma de convivência entre os estudantes dos países que compõem a Unilab. Enfim, a Unilab é um espaço dos encontros de várias pessoas oriundas de várias nacionalidades. Para tanto, uma vez, que essas pessoas dividem o mesmo espaço o melhor seria uma união entre elas.

A integração é incluir os elementos de cada parte para informar um todo (único só). A integração ocorre quando há uma necessidade dos integrantes para chegar alguns objetivos da coletividade. Isso pode realizar por meio dos desejos dos integrantes de um grupo onde o elemento faz parte. A integração não quer dizer só entre as pessoas, entre os objetos, animais, porém, a integração é abrangências de todas as pessoas, independentemente, da sua forma, do jeito de ser. (Anastácia, C.N. M 25).

A integração na definição feita pela Anastácia de Timor, ela considera a integração como sendo um carácter de junção de ambas as partes para forma uma única parte, ela disse que a integração ocorre quando todas as pessoas têm um único objetivo ou uma necessidade que pretendam alcançar, isso se realize, a partir das intenções dos integrantes do grupo. Para ela, a integração não podia ser ordem de pessoas, mas sim, tinha que ser uma coisa mais ampla até os animais. A integração é abrangência de todas as partes, independentemente, de suas diferenças e nacionalidades.

A integração é um processo de interação entre pessoas de várias nacionalidades (raças, cor, religião etc...) é claro que ocorre, apesar de, algumas interferências. Um dos modos em que ocorre essa integração sala de aulas e oficina de dança entre várias nacionalidades presentes na UNILAB. Do meu ponto de vista, o que eu acho que tem dificultado a integração é arrogância racial. Visto que, cada um quer mostrar, que é mais importante já que estamos na mesma Unilab e ganhamos mesmo auxílio. (Agatha. Administração. 24. 2016).

A partir da fala da estudante da administração pública de nacionalidade guineense, ela definiu a integração como um processo união de pessoas de várias nacionalidades independentemente da sua cor de pele, raça, e seu pertencimento religioso, dentro de um determinado espaço de convivência. Pois, ela afirma que existe a integração sim, mas, nas salas de aulas, nas oficinas de danças feitas através das representatividades apesar de acontecer de forma lenta.

Entendo que integração não é só ficar na sala de aulas ou dividir uma turma entre os brasileiros e estrangeiros. A integração, a meu ver, é quando, você se dispõe e se abre para conhecer a cultura do outro acima de todo respeitar e se apaixonar. E, abrir assim, conhecendo o país do outro sem precisar ir até lá. A integração ocorre dentro na universidade, através dos namoros entre diversas nacionalidades e festa, ocorre de forma lenta, mas existe sim, aos poucos. Vivenciamos grande teologia que estudantes Brasileiros devem se integrar com os estudantes Africanos e os estudantes Africanos devem se integrar entre si, nessa questão de quem se integra com quem vai muito de país por país, de pessoa por pessoa. O próprio projeto da Unilab incentiva isso, mas, em minha opinião, a direção da própria universidade é que deveria incentivar a própria integração dando uns passos para que os próprios alunos continuem de fatos com projetos que incentivam a integração. (Gislailson. BHU, 20).

Para Gislailson, ele nos relatou integração que não basta ser somente a junção de pessoas da mesma turma, mas sim, a disponibilidade para o conhecimento da cultura do próximo e respeitar, também pela sua paixão isso faz você conhecer o país do outro sem que fosse até lá. Em outros casos, segundo estudante de bacharelado em humanidades, Gislailson, a integração ocorre através dos namoros entre nacionalidades diferentes e nas festas, mas de forma lenta. Para tanto, diz Gislailson, para que houvesse a integração, seria melhor quando os estudantes da própria universidade se integrassem uns com os outros.

No que diz respeito à integração do sicrano com o beltrano isso depende muito de país por país, de pessoa por pessoa, ele opinou que a universidade deveria motivar essa integração com os seus projetos.

Na Unilab desde que cheguei única atividade que eu via acontecer com carácter da integração era o espaço de desporto e lazer, isso sim, é um caminho para a integração. Porque, permitia uma convivência entre toda a comunidade académica. Permitia que todos os alunos se conhecessem uns aos outros. Nos jogos todas as nacionalidades misturavam isso nos ajudavam a conhecer e conviver e fazer amizades. (Braima. Agronomia. 26).

A fala do Braima, estudante de agronomia de nacionalidade guineense, deu-nos entender que, o espaço dos esportes e lazer era um espaço em comum por onde todas as nacionalidades da universidade podiam se encontrar tantos rapazes, assim como, as meninas. Enfim, misturavam-se nos jogos, por isso, se conheciam, começando a se harmonizar com o próximo, descobrindo a cultura do outro e abrindo novos horizontes.

O que eu entendo como integração, eu diria que, é incorporação de um elemento de um conjunto, aqui, caso de exemplo, na universidade têm varias nacionalidades quando essas nacionalidades se juntam para certo convívio, ou seja, passam a lidar com certo costume a cultura do

outro. Deste modo, eu passaria a chamar isso de integração quando Brasileiro conhece a cultura do outro e outro conhece a cultura do brasileiro. De certo modo, isso acontece somente em dois momentos, “semana da África e no espaço do esporte e lazer”. A meu ver, não vejo a integração, pois, a integração não ocorre, ou seja, ocorre de uma forma muito lenta, a integração era para acontecer em todas as circunstâncias. Então, se formos ver, começando pelas coordenações não têm integrações. Portanto, eu resumo que não tem integração. (Cristina. CNN. 26).

Na fala da estudante Cristina, da nacionalidade angolana, podemos compreender, em linhas gerais, que ela definiu a integração como sendo uma coisa que está zelada. Entendemos que, a própria universidade composta por várias nacionalidades da integração, acontece nela poucas vezes os eventos que incentivam a integração, somente, quando, tem uma convivência entre os alunos tipo numa atividade, nessa circunstância é que os alunos se integram, mas isso não era só esse plano da integração posta pela universidade. Mas, acontece que dentro da própria universidade, como afirma Cristina, não tem essa integração, mesmo nas salas das aulas nos coordenações. Para tanto, ela também explicou que a integração seria quando o Brasileiro aceitasse conhecer a cultura do estrangeiro e o estrangeiro também aceitar e conhecer e de conviver com a cultura do outro, reconhecendo as diferenças que existem entre duas culturas distintas. Mas, ela finaliza dizendo, integração não está acontecendo na Unilab.

Ela mencionou as duas atividades que promove a integração, as atividades culturais, que na semana da África os povos e alunos da Unilab se misturam em uma única cultura, cada um junta e mistura com outro, aprendendo e ensinando um pouco do que sabe.

A meu ver, a integração, acima de qualquer coisa, é respeito independentemente da pessoa, da cor da pele. É ser respeitada pela sua diferença, tudo é muito bonito que deveria ser o papel da política da Unilab, integrando e incluindo o Brasil e os demais países do PALOP. Mas, de modo nenhum, eu não vejo essa integração, porque a própria cidade é muito pequena. Mas, de certa forma, há Brasileiro que fala crioulo de Guiné- Bissau, perfeitamente, sempre acha que a Unilab pode sempre fazer mais. Na questão de esporte tem mistura. Eu vejo uma coisa que é particular que não é de uma forma geral, de que nem todo mundo quer essa integração. Enfim, na entrada 2011.2 os estudantes estrangeiros não foram contemplados. (Soraia, Administração. 26).

De acordo com estudante cabo-verdiana do curso de bacharelado em administração, Soraia, compreendemos que, ela considerou a integração como sendo carácter de respeito, do conhecer o outro sem ver a sua cor da pele, sem ver a pessoa se

é diferente da outra. É respeitar o outro, levando em conta sua diferença. Ainda, afirmou que não viu a integração, mas que deveria ter, visto que, a própria cidade de redenção é muito pequena. E, ela voltou a repisar na questão de espaço de esporte e lazer como sendo um espaço, marcando a única instância às atividades com o carácter à integração, porque no momento do jogo as nacionalidades se misturam, visto que, a própria Unilab tem esse objetivo da integração. Entretanto, de acordo com a estudante Soraia, se forem ver, depois da sua entrada não teve estrangeiro no segundo edital, isso pode ser destacado como umas das dificuldades à consolidação do processo da integração.

No tópico, fizemos uma breve descrição sobre a integração, a sua definição, o seu desenrolar dentro do cotidiano acadêmico da universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, a partir da convivência entre os estudantes. E, apresentamos as suas falas, onde cada entrevistado relatou sobre o que entendeu por integração e se sentiu integrado em algum momento dentro ou fora do espaço de convivência que enfrentou com as nacionalidades diferentes.

### **3.1 Cultura e atividades de extensão.**

Este tópico, nos permitirá analisar a cultura existente dentro da própria UNILAB, através das atividades feitas pelo Programa de Extensão Universitária (PROEX) que tem por objetivo apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas. E também através dos eventos culturais que as vezes são realizados dentro da universidade com ou em alguns momento tendo em conta o processo da integração dentro da universidade.

Pelo que temos presenciado desde 2014, assistimos muitas atividades culturais, com carácter de promover a integração. E, que permitem a convivência, de certo modo, com as nacionalidades que compõem a unilab. Isso poderia ausentar a questão do preconceito e racismo dentre os estudantes dentro da universidade, os estudantes estrangeiros e Brasileiros, através das danças culturas, a capoeira que inclusive tem até os estudantes estrangeiros e brasileiros praticando juntos. Mesmo nos cinemas mostrados, onde muitos estudantes se interagem, a partir de suas convivências com o outro no meio dessas atividades, porque isso permite a pessoa articular e conhecer a outra, embora, essas atividades sejam num período de tempo muito curto.

A universidade da integração internacional da lusofonia Afro-brasileira, com intuito de consolidar a integração, criou-se o período da integração, um projeto que teve início desde 2012, com os estudantes que já se encontravam na Unilab, (TIAC). É um trimestre da integração acadêmico-cultural, que é ofertado do momento das férias, permitindo os alunos que se encontram na cidade fazer algumas disciplinas obrigatórias com um período de tempo mais curto, de duração em relação ao trimestre letivo, discutindo temas contemporâneos, e que ajudam também a participar em muitas outras atividades com carácter cultural. E, vivenciarem as artes e a diversidades culturais, com o conhecimento e articulação sobre o ensino pesquisa e extensão.

Este trimestre da integração acadêmico-cultural se inicia a partir do dia 02 de dezembro a 26 de janeiro, começando com as matrículas feitas entre 27 e 28 de novembro com seguintes eixos acadêmicos: na primeira etapa figura as ofertas das disciplinas obrigatórias com maior ou elevado índice de reprovação, isto está mostrando que, em maioria das disciplinas ofertadas, estudante terá chance de cursar de novo, uma disciplina que não conseguiu tirar.

Lembrando que será somente em vinte horas de duração. E os cursos livres, que podem contar com a participação de estudantes de diferentes institutos, atividades pontuais, a partir das palestras oficinas e seminários com professores e convidados nas respectivas áreas.

As atividades feitas por PROEX (Pró-reitoria de extensão arte e cultura) fazem partes de uma ação de motivação à integração dos estudantes estrangeiros entre si, assim como, a integração entre os estudantes estrangeiros e brasileiros. As festas, as peças teatrais, as danças, as atividades de culinária são umas das formas de incentivo à integração, tais como, as trocas dos pratos entre as diversas nacionalidades, dentro ou fora da universidade.

A pró-reitoria de extensão arte e cultura tem a missão de desenvolvimento de atividade de extensão tanto no âmbito universitário acadêmico institucional, assim como, levar atividade para todo o maciço de Baturité e da Bahia para recôncavo Baiano. Também trazer a comunidade para dentro da universidade, tal como, levar e trazer as atividades de extensão à universidade, trabalhando dentro a política externa nacional de extensão. E, nós estamos desenvolvendo a política de extensão da universidade por meio da produção de bolsas de extensão para os estudantes do projeto de extensão arte e cultura ligadas ao (PIBELP) que são projetos de línguas ou projeto específico que de facto tem bolsa que teve uma

campanha nacional sobre (AEGYPTI). Além disso, foram feitas as diversas atividades do carácter cultural, como por exemplo: movimento quarta cultural, festas de independências e festivais. (Rafiella Pessoa Moreia, pró-reitora de extensão arte e cultura. 2016).

De acordo com a entrevista da pró-reitora da extensão arte e cultura, a pró-reitoria tem por missão o desenvolvimento de atividades de extensão dentro da universidade e fora da universidade, sobretudo, com a comunidade acadêmica, através das realizações de várias atividades que abrangem todo maciço de Baturité e recôncavo baiano. Com âmbito de trazer a população dentro da universidade e levar a universidade para fora dos seus espaços circunscritos.

No desenvolvimento da política de extensão dentro da universidade por meio de bolsa de extensão com o projeto de extensão arte e cultura ligada aos programas das bolsas de línguas para toda comunidade acadêmica, mormente, língua inglesa que mais tem bolsas para os estudantes.

Esses projetos relacionam-se à bolsa da iniciação científica, promovendo uma campanha nacional dentro da universidade junto a PROEX para ajudar dentro e fora da universidade sobre proteção de (AEGYPTI). Pois, são feitas muitas outras atividades também com carácter de juntar a própria comunidade acadêmica e a população de acarape e redenção. Tais como: festas das independências, quarta cultural e muitas outras atividades.

Festival da cultura foi a maior atividade cultural que conseguiu integrar mais os estudantes e as pessoas do maciço, em todas as nacionalidades dentro da universidade, tantos estudantes, quanto a população e a comunidade externa quanto aqui como na Bahia, ou internacional, acho que nessa ou até agora foi a festival. (Rafaella Pessoa Moreira, Brasileira e Enfermeira de carreira, professora lotada no instituto de saúde, e atualmente pró-reitora de extensão arte e cultura do instituto da Unilab. 2016).

Segundo o relato feito pela pró-reitora do proex, ela afirmou que, festival da cultura foi um dos maiores atividades que já aconteceu dentro da proex, porque foram umas das atividades que mais teve o carácter da integração e integrou/juntou todas as nacionalidades dentro da universidade, incluindo os estudantes da UNILAB de Bahia, ou até os internacionais.

O festival proporcionou isso, porque, todas as nacionalidades tiveram algum tipo de apresentação mais além, do festival teve apresentação de dança que agente fez lá no cine são Luiz e uma vez proporcionou praticamente todos os estudantes de todos os grupos estudantis de nacionalidades e países apresentam as danças dos seus países, assim

como em outros momentos que fizemos à culinária, desfile. Isso que é bom, penteados em diversos momentos. Agente fez com que grupo de estudantes de diversos países apresentasse se mesmo tempo. (Rafaella Pessoa Moreira. Brasileira enfermeira de carreira, professora lotada no instituto de saúde, e atualmente pró-reitora de extensão arte e cultura do instituto da Unilab. 2016).

Apesar do festival cultural feita dentro da universidade, existem outras atividades feitas pelo (PROEX) com a mesma finalidade fora da universidade, mas, levando próprios estudantes para se fizerem partes dessa atividade, mostrando as suas diversidades culturais porque os alunos precisam mostrar que não só dentro da universidade é que podem fazer as coisas, mas sim, em qualquer lugar serem capazes de mostrar as suas culturais.

Essas apresentações permitem transmissões do conhecimento e possibilitam aqueles que nunca tiveram as oportunidades de conhecerem as culturas africanas ou brasileiras e que conheçam, a partir destas atividades promovidas pela PROEX. E, até em certo ponto, estas apresentações das atividades permitem que os estudantes tenham interesses nas culturas circunscritas na Unilab, algo que antes desconheciam em vários momentos. A proex permitiu que os estudantes se juntassem através das diversas atividades proporcionadas com carácter de combater qualquer ato de constrangimento.

Acho que o festival é uma atividade que visa a integração, mas, ela não é uma ação única, e apenas tem as finalidades, mas no momento que ela começa a integrar as diversas pessoas, de diversas cores de diversos países, ela conseguiu trabalhar mesmo que seja indiretamente essa questão racial, não é o propósito inicial, mas por meio das atividades culturais, agente conseguiu indiretamente abordar a essa temática (Rafaella Pessoa Moreira, Brasileira e enfermeira de carreira, professora lotada no instituto de saúde, e atualmente pró-reitora de extensão arte e cultura do instituto da Unilab. 2016).

A nossa entrevistada afirmou que, a proex não foi criada com esse carácter, mas que em algum momento acaba tendo foco em esses problemas, sobretudo, a questão racial, e que a proex não tem uma única finalidade, pois, ela acaba se alargando em todas as partes desde momento que começa a integrar pessoas diferentes, de cores distintas e países diferentes, assim conseguindo trabalhar essa questão de uma forma indiretamente, abordando suas temáticas.

Relativamente a esse capítulo que acabamos de trabalhar, percebesse que a PROEX (pro-reitoria de extensão arte) e cultura não se limitou apenas a uma única finalidade, apesar de ter as suas leis e finalidades de criação para trabalhar certas modalidades, como sendo também um órgão constituinte dentro na universidade acaba abrangendo

muitas outras atividades com finalidades de combater o racismo e preconceito, tornando e permitindo os estudantes ficarem mais perto uns dos outros através das atividades realizadas com essas propriedades.

### **3.2 Ensino e a pesquisa.**

No tópico ensino e pesquisa, nós esboçaremos a questão do ensino superior, para desenvolvimento das diversas áreas de pesquisas e a promoção de extensão com carácter e recursos, intercâmbios que, de tal maneira, ajudaria o Brasil e os países Africanos, levando em conta cooperações destes países com o Brasil. E, abrangeremos a questão dos grupos de pesquisas existentes dentro na universidade, descobrindo seus objetivos e como estão sendo desenvolvidos para o aproveitamento da comunidade académica dentro na universidade. E, se tem um carácter educativo para as diversas áreas do conhecimento que abrange a todo.

Entender as razões para a existência de uma universidade Brasileira, internacional, que recebe estudantes dos países africanos de língua portuguesa e também do Timor-Leste, parece ser uma questão para os que chegam a Redenção – Ceará - Brasil em busca de uma formação superior, (Abrantes. 2014).

No artigo da Abrantes, abarca caso que dá a existência de uma universidade Brasileira com carácter de ensino superior que abrange não somente a população Brasileira, mas, envolvem, no seu seio, os estudantes africanos dos países da língua portuguesa e o Timor Leste, para fornecer o conhecimento superior. Isso vai permitir que esses jovens desenvolvam as suas capacidades e ter acesso aos conhecimentos nas diversas áreas com os professores estão inseridos nestas áreas .

A cada período letivo, chegam a Redenção, cidade do interior do Ceará localizada a 72 km de Fortaleza, novos alunos oriundos dos 13 municípios do Maciço de Baturité e também de (Fortaleza) e dos seis países lusófonos, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. O que somos ou o que seremos está em construção, em um ritmo semelhante às paredes que se erguem para acomodar os alunos em salas de aula e alojamentos. (Abrantes. 2014).

Abrantes no seu artigo relata a questão de preocupação com os Africanos dentro de uma universidade Brasileira que tem como carácter um ensino superior para os Brasileiros e estrangeiros o fornecimento de um conhecimento científico e transformar profissionais qualificados, a partir das suas respetivas áreas que escolheram. E esboçou numa das suas falas, a questão da chegada dos Africanos e os próprios Brasileiros de

diferentes municípios que totalizou (13) municípios do maciço de Baturité e que o que estão tentando ser, ainda numa fase de construção, através de uma forma de construção de conhecimentos.

Nas pesquisas feitas no site da própria Universidade da Integração Internacional na lusofonia afro-brasileira, tem sido muito importante para descobrir que dentro de uma universidade existem vários grupos de pesquisa com diferentes caracteres pedagógicos, onde cada uma dessas pesquisas tem a sua área do ensino e aprendizagem para um desenvolvimento. E, tem quase os objetivos ligados uma das outras. Fundamentando e orientando e transformando os estudantes em profissionais, através das pesquisas e trabalhos feitos sob as orientações de um professor conhecedor da área.

Na universidade da integração internacional da lusofonia Afro-brasileira, existe um órgão que é PROPPG (pró-reitoria de pesquisa pós-graduação) que tem por objetivo de fazer ciência e tecnologia conforme demandas específicas e fomentar parcerias nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

Na área da Administração Públicas o grupo de pesquisa: “Administração Públicas e Gestão Pública, Gestão Pública Municipal,” que tem como a líder, Maria Aparecida Silva, e a vice-líder, Maria Vilma Coelho Faria, este grupo de pesquisa tem por objetivo: integrar diversas abordagens teóricas metodológicas relacionadas com o estudo da administração pública e a gestão de organização públicas e sócias. Através de três linhas de pesquisa (gestão pública, gestão municipal e gestão em saúde) busca proporcionar um espaço de troca de saberes e experiências entre pesquisadores (professores, tutores, e alunos vinculados aos cursos na modalidade educação a distancia) e sociedades civil, numa relação dialogada entre a teoria e empírica. Pretende ainda contribuir para uma melhor compreensão da administração pública e da gestão de organização públicas principalmente nas regiões de abrangências de onde são ofertados, pela UNILAB, os cursos do Programa Nacional de formação em administração pública, vinculados à universidade aberta do Brasil. Portanto, as pesquisas foco deste grupo buscam conhecer, discutir, analisar e aprimorar ferramentas de gestão eficaz, que possam desenvolver nos gestores públicos e sociais, as competências necessárias, para que, os objetivos desta organização sejam alcançados. ( Maria Vilma Coelho Faria, Maria Vilma Coelho Faria, grupo de pesquisa: Administração Pública e Gestão Pública, Gestão Pública Municipal, 2013).

A partir do objetivo desse grupo de pesquisa deu para perceber a grande importância que ela tem em ajudar na formação das pessoas dentro e fora das universidades com as suas magníficas qualidades para transmitir a um estudante as áreas de pesquisa pelo qual atua. Pode sim, ser o de grande desenvolvimento, porque, a saúde

é umas das áreas mais importantes às ciências atuam para o grande desenvolvimento de uma população dentro de uma cidade pequena como a Redenção e acarape. Para tanto, a própria administração ajuda no desenvolvimento e no gerenciamento do negócio tanto público quanto individual numa cidade ainda pequena que precisa de muitos recursos para as grandes construções e do bom desenvolvimento.

Grupo de pesquisa “ELOSS\_ educação e cooperação sul.” Liderada pela Jaqueline Cunha da Serra Freire, prenomina na área da educação, o Eloos é um coletivo que articula sujeitos educativos da Unilab e parceiros comprometidos com princípios da Educação como direitos humanos; respeito as culturas, diferenças e diversidades; a cooperação solidária; e a emancipação humana. Dinamiza ações referenciadas na tríade indissociável ensino-pesquisa-extensão. Emergiu em 2010 no contexto da implantação da Unilab, universidade pública federal Brasileira, criada pela lei nº12.289 de 20/07/2010. Vocacionada para a cooperação internacional solidária com os países de CPLP, a Unilab prioriza o diálogo com os países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor Leste. Em nível local, a Unilab tem compromisso com o desenvolvimento do Maciço de Baturité, no Ceara, e no recôncavo, na Bahia, região que sediamos Campus da Unilab. As ações do ELOSS são ancoradas nas epistemologias do sul; fortalecimento da ponte histórica que irmana nossos países, a busca e o compartilhamento de soluções inovadoras no contexto sociocultural. (Jaqueline Cunha da Serra Freire, “ELOSS\_ educação e cooperação sul.” 2011)

Em relação ao grupo de pesquisa ELOOS sobre a Educação, de acordo com o seu objetivo do grupo de pesquisa, educação e cooperação sul sul, liderada pela professora Jaqueline Freire, preconiza mais às áreas da educação e tem carácter de predominância sobre articulação com sujeitos dentro na universidade e com os parceiros. Tem compromisso para as áreas da educação e direitos humanos, a partir de respeito pelas diversidades culturais, porque esses países estão comprometidos de uma forma solidária. A educação é um dos pontos fundamentais e um dos pilares mais importantes de uma sociedade que se encontra dentro de uma cooperação, para fornecimento do conhecimento acadêmico.

A própria criação da Unilab com a lei nº12. 289 de 20/07/2010, virada para cooperação internacional, com os países de CPLP e os de PALOP, a universidade tem também o compromisso com o Maciço de Baturité no Ceara, e no recôncavo Baiano, as regiões por onde está sediado o Campus da Unilab, o ELOSS, tem por finalidade fortalecimento da ponte histórica que liga os países da integração, buscando compartilhar as soluções inovadoras num contexto sociocultural.

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos lidera o grupo de pesquisa “Educação, cultural e subjetividade” tem como objetivo analisar a educação escolar no cenário nacional e internacional, com ênfase nos países africanos de língua portuguesa, PALOP, abordando questões relacionadas à arte da/na educação intercultural, o ensino de história e cultura africana e Afro-brasileira, a formação docente, a política, a gestão e a relação educação e subjetividade. O grupo conta com projeto de pesquisa financeira pelo CNPQ, Edital Universal 14/2013. Ciências Humanas; Educação. (Jeannette Filomeno Pouchain Ramos, “Educação, cultural e subjetividade” 2014).

O grupo de pesquisa, liderada pela professora Jeannette Ramos, tem por objetivo analisar a educação escolar dentro do cenário nacional e internacional com o foco aos países Africanos da língua portuguesa, (PALOP). Abordam, relativamente, a questão relacionada à arte/ na educação intercultural, o ensino da história e cultura Africana. Desta forma, isto permite sim, que as pessoas conheçam as histórias de outras culturas, já que, o foco é para países da língua portuguesa, isso, ajudaria muito na desconstrução das mentes sobre a África e, fazendo também a história do Brasil e a cultura Afro-brasileira chegasse ao patamar mais alto do ensino, para que, as pessoas possam saber e conhecer e valorizar as culturas Afro-brasileiras, formando docentes nas suas respectivas áreas.

Neste tópico, fizemos um esboço sobre alguns grupos de pesquisa dentro da Unilab. Escolhemos alguns grupos de pesquisa de diversas áreas da educação, para mostrar que têm muitos trabalhos nas áreas do ensino e pesquisa, desenvolvendo e transmitindo os conhecimentos através das pesquisas feitas em coletivos sob as orientações dos professores especializados nessas áreas do conhecimento, descobrindo novos horizontes, ensino e pesquisa com pessoas de contextos diferentes ampliando o conhecimento, talvez, comprometendo com a solidariedade e a cooperação do Brasil com os demais países do PALOP e Timor Leste.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Para realização dessa pesquisa tivemos, primeiramente em nossa mente, o que queremos e o que pretendemos fazer para podermos chegar a um determinado objetivo, porque, através das contribuições dadas pelas pessoas. Somos capazes de construir um trabalho de conclusão de curso através das experiências partilhadas pelas pessoas que deram ajuda direta ou indiretamente para que esse trabalho possa ser realizado com êxito. Fomos além das perspectivas que tínhamos em relação a isso tudo.

Durante todo esse percurso feito para realizar desse trabalho de conclusão do curso, através das análises (TCC), acabamos, finalmente, descobrindo totalmente sobre a experiência do preconceito racial entre os alunos estrangeiros e alunos Brasileiros dentro da universidade da integração internacional da lusofonia Afro-Brasileira.

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) teve como objetivo geral: analisar a existência ou não, de preconceito racial entre esses estudantes principalmente os da Guiné-Bissau maioria são de capital cujos pais são do interior do país e uns funcionários públicoss. Como sabemos a situação em que o estado sempre se encontra. As condições em que os funcionários não são bem pagos e lhes acumula as dívidas.

Cada um em particular pertence uma região do país, um do sul e outro do Norte, tendo em conta que, esses estudantes dos países Africanos uns recebem dos pais um pouco de ajuda e outros nada, por serem da família humilde só se esperam para sobreviver com auxílios ganhos pela Unilab para satisfazerem as suas necessidades e para pagarem as suas moradias. Como os estudantes da nacionalidade guineense, o governo não contribui com nenhuma ajuda, e muito preocupante viver num lugar desconhecido sem auxílio do governo, mesma com as crises que assola o país em todas as circunstâncias.

Portanto, em maioria dos casos, vivendo com essas dificuldades uns acabam morando com seus parceiros, para que, eles possam dividir as despesas. Mas, isso sem que os pais soubessem. E, uns acabam até tendo filhos dentro da universidade, porque às vezes também moram só os amigos e amigas. Além acabam perdendo as amizades entre eles. A maioria dos meninos como das meninas não sabe lidar com os outros. E, uns não aceitam ajudar no trabalho de casa, se esquecem de que todos são estudantes e que estão aqui para estudar, e que devem dividir tudo no meio para tornarem mais fáceis para todos.

Partindo dos nossos dados da pesquisa, é pertinente tornar ao público que o governo de Guiné-Bissau não sabe ou não, o total da sua população nas diásporas. E, nem tem conhecimento de números dos estudantes que se encontram dentro da Unilab e nunca mandou nenhum representante para fazer uma visita nem se quer de uma hora de tempo. E, nem pelo menos escrever uma carta de feliz natal e do novo ano. Pois, os estudantes guineenses estão, aqui, na universidade, dependendo da Unilab. Todos o que eles têm e estão procurando ter depende dos seus próprios esforços, mas também, contando, de modo particular, com os esforços dos seus familiares.

No primeiro capítulo tratamos de chegada dos africanos no estado de Ceará em outro momento relatamos através do trabalho de Langa a chegada dos Africanos em

Fortaleza através da bolsa do PEC-G, (programa de estúdios do convênio) que influenciou muitos e permitiu a entrada dos Africanos em Fortaleza.

Depois dessa bolsa, através da cooperação do Brasil com os países parceiros construíram a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, isso aumentou ainda mais o fluxo dos africanos em Fortaleza “REDEENÇÃO”.

No segundo capítulo, Foi feita uma pesquisa através das perspectivas dessa cooperação entre o Brasil e a África, na construção de um conhecimento e descolonização das mentes. Tivemos um momento das entrevistas com os estudantes de todas as nacionalidades presentes onde cada um fala da sua convivência e do que já sofreu ou presenciou sobre o preconceito e racismo, dentro na Universidade e fora da universidade. E, nas suas convivências e o que realmente ele/a tem percebido sobre esses fatores que estão tornando um grande entrave às sociedades humanas.

Por último, buscamos descobrir os caminhos para nos levar a junção das pessoas diferentes, através das perspectivas da própria Universidade, tentando saber se existe a integração ou não. O que devemos fazer. Que caminhos, nós devemos percorrer para chegar à integração. Quais os fatores pelo qual pode dar a sua contribuição. Fazendo as atividades dentro e fora da universidade que vai contemplar todo o Maciço, descobrindo a área do ensino e pesquisa que pode ser mais influente para desconstruir o preconceito e racismo.

Acreditamos que com o resultado dessa pesquisa, podemos ajudar em maior parte na desconstrução de muitas mentes que até agora estão sob o controle do preconceito racial. Foi uma pesquisa difícil, mas que seja uma tarefa finalizada que possa ser útil e significativo para ajudar nas sensibilizações das camadas juvenis nas sociedades em fase de construção.

Preconizamos, intensamente, que este trabalho ajude na desconstrução e faça com que cada pessoa possa entender que inferiorizar o outro não vai te ajudar, porque, embora, sermos diferentes, o tom de pele não qualifica a pessoa. Somos diferentes e iguais ao mesmo tempo, visto que, somos todos seres humanos.

Concluimos que o preconceito racial e racismo existem sim, percebemos através dos relatos dos estudantes, a partir de suas próprias vivências cotidianas das cidades de redenção e acarape e também dentro da universidade. Racismo é uma construção que

temos em mente, mas espero que um dia, isso tudo possa mudar nessas sociedades, começando pela raiz assim sucessivamente até termos umas sociedades em que todos que já tiveram as suas identidades suprimidas por causa do racismo e preconceito que possam usufruir da igualdade que tanto esperamos e sonhamos.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Carla Susana Além. **O ensino superior em Redenção (CE), Brasil:** comentário sobre um arquivo virtual. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=ABRANTES%2C+Alem+Susana+Carla.+O+ensino+superior+em+Reden%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1VSNE\\_em\\_BR611BR611&oq=ABRANTES%2C+Alem+Susana+Carla.+O+ensino+superior+em+Reden%C3%A7%C3%A3o](https://www.google.com.br/search?q=ABRANTES%2C+Alem+Susana+Carla.+O+ensino+superior+em+Reden%C3%A7%C3%A3o&rlz=1C1VSNE_em_BR611BR611&oq=ABRANTES%2C+Alem+Susana+Carla.+O+ensino+superior+em+Reden%C3%A7%C3%A3o)> acesso em: 25/10/16.

BASTIDES, Roger & FERNANDES, Florestan. 1898\_1974. **Bracos e Negros em São Paulo:** ensaio sociológico sobre aspecto da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade Paulista/ \_4.ed.rev.\_ são Paulo: Global, 2008.

BELLUCCI, Beluce. **Uma visão do Brasil sobre a África:** Disponível em: <[http://5c912a4babb9d3d7cce16e2107136992060ccfd52e87c213fd32.r10.cf5.rackcdn.com/wp-content/files/A\\_Viso\\_do\\_Brasil\\_sobre\\_a\\_frica\\_por\\_Beluce\\_Bellucci.pdf](http://5c912a4babb9d3d7cce16e2107136992060ccfd52e87c213fd32.r10.cf5.rackcdn.com/wp-content/files/A_Viso_do_Brasil_sobre_a_frica_por_Beluce_Bellucci.pdf)> acesso em: 15/05/2016.

Blog-Unilab. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2014/11/17/trimestre-da-integracao-e-o-momento-para-vivenciar-a-interdisciplinariedade-e-a-diversidade-cultural/>> acesso em: 30/06/16.

FREIRE, Jacqueline da Serra Cunha. **ELOSS - Educação e Cooperação Sul-Sul:** Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3102457159062386/> acesso em 09/10/2016.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>> acesso em: 20/04/16.

GUIMARÃES, Antônio Alfredo Sérgio. **Preconceito de cor e racismo no Brasil:** uma breve discussão. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a01v47n1.pdf>> acesso em: 15/03/16.

LANGA, Ercílio. **Diáspora africana no ceará**. Disponível em:

<<http://estudosculturais.com/revistalusoфона/index.php/rlec/article/viewFile/65/79>>

Acesso em: 17/03/16.

LANGA, Ercílio & WICA, Abiude- **O Povo online**, Saudades do além-mar: 2016.

Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2016/05/16/noticiasjornalvidaarte,3613782/saudades-do-alem-mar.shtml>> acesso em: 30/06/2016.

MALOMALO, Basílele. **A integração Brasil-África**: uso e sentido da cooperação solidária nos discursos de Luiz Inácio Lula da Silva. In: FREITAS, Raquel Coelho de MACHADO SEGUNDO, Hugo de Brito (Orgs.). Democracia, equidade e cidadania. Curitiba: CRV, 2015. p. 70-91.

.MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ª Ed. 1.Reimp.\_ Belo Horizonte: autentica editora, 2012.\_ (coleção cultura negra e Identidades).

MONROY, Andy. **Radio verdes mares**, Documentário cearense sobre racismo é selecionado para festival de cinema em Portugal: 2015. Disponível em: <<http://www.verdinha.com.br/entretenimento/18546/documentario-cearense-sobre-racismo-e-selecionado-para-festival-de-cinema-em-portugal/>>. Acesso em: 30/06/2016.

RAMOS, Jeannette Pouchain. **Educação, cultura e subjetividade**: Disponível em grupo: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7717867437332478> acesso em: 09/10/2016.

SILVA, Maria Aparecida da & FARIA, Maria Vilma Coelho. **Administração Pública e Gestão Pública, Gestão Pública Municipal e Gestão em Saúde**: Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6702667811289456> acesso em: 09/10/16.